



Instituto Politécnico  
de Castelo Branco  
Escola Superior  
de Artes Aplicadas

# **Projeto Final de Design de Interiores**

## **Reabilitação de um anexo para uma habitação T1, turística, em Fafe**

Licenciatura em Design de Interiores e Equipamento

Juliana Pacheco | 20180595

### **Orientadores**

Tiago Rodrigues

Pedro Oliveira

Trabalho de Projeto apresentado à Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Licenciado em Design de Interiores e Equipamento, realizada sob a orientação científica do Professor Adjunto Convidado da Escola Superior de Artes Aplicadas Arquiteto Tiago Miguel Patrício Rodrigues, Especialista e do Professor Adjunto Convidado da Escola Superior de Artes Aplicadas Doutor Pedro Paulo Eugénio de Oliveira do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

**Julho 2021**



## Composição do júri

### Presidente do júri

Professor Doutor Nelson Barata Antunes

Professor Adjunto da Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco

### Vogais

Agente: Professora Liliana Marisa Carraco Neves

Professora Assistente Convidada da Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Professor Especialista Arquiteto Tiago Miguel Patrício Rodrigues

Professor Adjunto Convidado da Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Professor Doutor Pedro Paulo Eugénio de Oliveira

Professor Adjunto Convidado da Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco



## **Dedicatória**

Para a minha família, a quem tudo devo.



## Agradecimentos

A nível institucional, quero agradecer à Escola Superior de Artes Aplicadas, do Instituto Politécnico de Castelo Branco, por toda a formação e experiências disponibilizadas, no meu percurso académico.

Gostaria de agradecer a todos os docentes que fizeram parte do meu percurso no Ensino Superior e que de certa forma, contribuíram para que eu estivesse apta para a realização deste trabalho.

Um sentimento de especial gratidão aos meus orientadores, docentes Tiago Rodrigues e Pedro Oliveira, que sempre me orientaram da melhor forma, demonstrando-se sempre disponíveis para qualquer esclarecimento, com excelentes sugestões e conselhos ao longo de todo o projeto.

Gostaria ainda de agradecer aos professores Graça Pedroso, Liliana Neves, João Machado, Nelson Antunes, Ricardo Martinho, pela disponibilidade na ajuda e colaboração durante o desenvolvimento do projeto.

De entre todos, agradeço à proprietária da construção, Cristina Chaves, pela oportunidade e autorização para o desenvolvimento do projeto, demonstrando-se disponível para qualquer situação, agradecendo ainda ao Sr. Rocha por toda a sua disponibilidade.

Agradeço aos meus amigos, por estes três anos incríveis, onde tive a oportunidade de partilhar diversas experiências, sendo também essenciais no meu crescimento, agradecendo também toda a força e apoio, para que não desistisse e conseguisse alcançar sempre o melhor.

No plano pessoal, quero agradecer, primeiramente, aos meus pais que foram um apoio fundamental durante todo este percurso, agradecendo também todas as palavras e incentivos, assim como, todos os valores transmitidos.

Ao meu irmão pela grande ajuda no levantamento de medições do espaço e por ser também meu amigo. Aos meus avós, que ajudaram a entender melhor a história de Fareja, contribuindo para um conhecimento mais aprofundado, sendo relevante para o desenvolvimento do projeto.

A toda a restante família, por todo o apoio e confiança que depositaram em mim, para que sempre seguisse os meus sonhos.

Por último, obrigada a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para que o presente projeto seja uma realidade, assim como para a minha aprendizagem, crescimento profissional e ético, e por toda a confiança, força e apoio.

A todos, o meu muito obrigada...



## Resumo

Este documento surge no âmbito da realização do Projeto Final de Licenciatura de modo a obter o grau de licenciada, na Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Visa retratar a temática da reabilitação de um espaço histórico antigo, localizado no Norte de Portugal, no concelho de Fafe e freguesia de Fareja.

A aldeia de Fareja ergue-se num meio tipicamente rural, englobando em si muita história e património regional, cruzando o passado com o moderno. É ponto de encontro entre três concelhos, Guimarães, Fafe e Felgueiras.

Num período em que noções como sustentabilidade e reaproveitamento estão em constante crescimento, é necessário, e cada vez mais recorrente, proceder-se a reabilitações, restaurações e recuperações (dentro da área do design de interiores), partindo do existente e proporcionando uma nova identidade.

Este projeto da vertente do design de interiores consiste na reabilitação de um antigo anexo, agregado a um Convento de 1746, convertendo-o em alojamento local turístico (neste caso de tipologia T1), apontando à introdução de novas dinâmicas na aldeia, bem como de gerar novas experiências.

Atualmente, a construção encontra-se desocupada, sendo necessário o restauro de toda a estrutura de madeira existente, visto que possui mais de 300 anos. A proposta consta no aproveitamento dos dois pisos, que serão constituídos por uma sala de estar, uma cozinha, um quarto e uma casa de banho, inserindo conceitos de 'open space'.

Procura-se o dinamismo do espaço, bem como a atração turística de forma a conceder um maior conhecimento da identidade cultural do local, assim como da região, permitindo informações relativas a tradições da aldeia, a ainda materiais naturais característicos da mesma.

Toda a proposta abrange conceitos base: tradicionalismo, contemporaneidade, rusticidade e conforto, apontando assim para um projeto sustentável e funcional, que, uma vez implementado, tornará possível o desenvolvimento turístico e económico da aldeia e região.

## Palavras-chave

Design de Interiores; Reabilitação; T1; Anexo; Alpendre



## **Abstract**

This document comes within the scope of the completion of the Final Licensing Project in order to obtain a licensed degree at the Superior School of Applied Arts of the Polytechnic Institute of Castelo Branco.

It aims to portray the theme of the rehabilitation of an old historical space, located in the North of Portugal, in the municipality of Fafe and parish of Fareja.

The village of Fareja rises in a typically rural environment, encompassing a lot of history and regional heritage, crossing the past with the modern. It is a meeting point between three municipalities, Guimarães, Fafe and Felgueiras.

In a period in which notions such as sustainability and reuse are constantly growing, it is necessary, and increasingly recurrent, to carry out rehabilitation, restoration and restoration (within the area of interior design), starting from the existing and providing a new identity .

This interior design project consists of the rehabilitation of an old annex, added to a Convent from 1746, converting it into local tourist accommodation (in this case of T1 typology), aiming at the introduction of new dynamics in the village, as well as of generate new experiences.

Currently, the building is unoccupied, requiring the restoration of the entire existing wooden structure, as it is over 300 years old. The proposal consists in the use of two floors, which will consist of a living room, a kitchen, a bedroom and a bathroom, inserting concepts of 'open space'.

It seeks the dynamism of the space, as well as the tourist attraction in order to provide greater knowledge of the cultural identity of the place, as well as the region, allowing information on the village's traditions, as well as natural materials characteristic of the same.

The entire proposal covers basic concepts: traditionalism, contemporaneity, rusticity and comfort, thus pointing to a sustainable and functional project, which, once implemented, will make possible the tourist and economic development of the village and region.

## **Keywords**

Interior Design; Rehabilitation; T1; Attachment; Front porch



# Índice geral

1. Introdução.....	1
1.1. Enquadramento.....	2
1.1.1. Localização.....	3
1.1.2. História.....	4
1.1.3. Motivação.....	6
1.1.4. Problema.....	7
1.1.5. Cliente.....	8
2. Definição do Projeto.....	9
2.1. Objetivos Gerais.....	10
2.2. Objetivos Específicos.....	11
2.3. Metodologia Projetual.....	12
2.4. Programa.....	13
2.5. Descrição Pormenorizada do Espaço.....	15
2.5.1. Análise do Espaço.....	15
3.1. Casos de Estudo.....	16
3.1.1. Caso de Estudo 01.....	16
3.1.2. Caso de Estudo 02.....	18
3.1.3. Caso de Estudo 03.....	20
3.1.4. Caso de Estudo 04.....	23
3.2. Conclusões e Considerações.....	26
4. Proposta de Projeto.....	27
4.1. Soluções Propostas.....	27
4.1.1. Alterações Estruturais.....	27
4.1.2. Distribuição Espacial.....	29
4.2. Paleta Cromática.....	31
4.3. Conceito.....	32
4.3.1. Público-alvo.....	34
4.4. Equipamentos.....	35
4.4.1. Peça de Mobiliário.....	36
4.5. Iluminação.....	38
4.6. Materiais e Acabamentos.....	41
4.7. Funcionamento do Espaço.....	43

4.8. Proposta Final.....	44
4.9. Estimativa Orçamental .....	51
5. Conclusão .....	52
6. Bibliografia .....	54
7. Webgrafia.....	55
8. Anexos .....	57

## Índice de figuras

<b>Figura 1</b> - Fachada principal do Alpendre   Fotografia de 2016.....	5
<b>Figura 4</b> - Moodboard do cliente.....	8
<b>Figura 5</b> - Fachada principal do Alpendre .....	10
<b>Figura 6</b> - Programa do r/chão e piso 1 .....	13
<b>Figura 7</b> - Programa do exterior do Alpendre .....	13
<b>Figura 8</b> - Organograma Base.....	14
<b>Figura 9</b> - Pátio e zona de vegetação do Alpendre .....	15
<b>Figura 11</b> - Quarto do caso de estudo 1   OPORTOCOOL.....	16
<b>Figura 10</b> - Quarto do caso de estudo 1   OPORTOCOOL.....	16
<b>Figura 13</b> - Hall de entrada para quarto   OPORTOCOOL .....	17
<b>Figura 12</b> - Kitchenette do caso de estudo 1   OPORTOCOOL .....	17
<b>Figura 14</b> - Sala e cozinha do caso de estudo 2   João Morgado .....	18
<b>Figura 15</b> - Quarto do caso de estudo 2   João Morgado.....	18
<b>Figura 16</b> - Corredor de ligação   João Morgado.....	19
<b>Figura 17</b> - Sala do caso de estudo 2   João Morgado.....	19
<b>Figura 18</b> - Sala do caso de estudo 3   Ricardo Oliveira Alves.....	20
<b>Figura 19</b> - Cozinha/sala do caso de estudo 3   Ricardo Oliveira Alves.....	20
<b>Figura 20</b> - Escadaria   Ricardo Oliveira Alves .....	21
<b>Figura 21</b> - Quarto do caso de estudo 3   Ricardo Oliveira Alves.....	21
<b>Figura 22</b> - Pátio do caso de estudo 3   Ricardo Oliveira Alves .....	22
<b>Figura 23</b> - Cozinha do caso de estudo 3   Ricardo Oliveira Alves.....	22
<b>Figura 24</b> - Fachada principal do caso de estudo 4   Luís Ferreira Alves .....	23
<b>Figura 25</b> - Fachada com vista para o interior   Luís Ferreira Alves .....	23
<b>Figura 26</b> - Portadas encarnadas   Luís Ferreira Alves.....	24
<b>Figura 27</b> - Modo de abertura das portadas do caso de estudo 4   Luís Ferreira Alves.....	24
<b>Figura 28</b> - Interior referente ao r/chão do caso de estudo 4   Luís Ferreira Alves .....	25
<b>Figura 29</b> - Intervalo entre vãos   Luís Ferreira Alves .....	25
<b>Figura 30</b> - Solução de escadas r/chão.....	27
<b>Figura 31</b> - Solução de escadas.....	27
<b>Figura 32</b> - Solução de distribuição espacial do Alpendre.....	28
<b>Figura 33</b> - Solução de distribuição das escadas do Alpendre   r/chão e piso 1 ...	29
<b>Figura 34</b> - Solução de wc no piso 1 .....	30
<b>Figura 35</b> - Solução de wc no piso 1 .....	30
<b>Figura 36</b> - Solução de wc no centro do piso 1.....	30
<b>Figura 37</b> - Solução de wc no centro do piso 1.....	30
<b>Figura 38</b> - Paleta Cromática do Alpendre .....	31
<b>Figura 39</b> - Moodboard de inspirações .....	32

<b>Figura 40</b> - Desenho de conjunto da mesa de refeições .....	36
<b>Figura 41</b> - simulação 3D da peça de mobiliário .....	37
<b>Figura 42</b> - Planta de iluminação piso 1 .....	39
<b>Figura 43</b> - Planta de iluminação r/chão.....	39
<b>Figura 44</b> - Planta de iluminação zona exterior .....	40
<b>Figura 45</b> - Paleta de texturas.....	42
<b>Figura 46</b> - Planta ilustrada do rés do chão .....	44
<b>Figura 47</b> - Planta ilustrada do primeiro piso .....	44
<b>Figura 48</b> - Planta de áreas e zonamentos.....	45
<b>Figura 49</b> - Planta de conforto térmico .....	47
<b>Figura 50</b> - Simulação 3D da zona de cozinha.....	48
<b>Figura 51</b> - Simulação 3D da zona de lavatórios .....	48
<b>Figura 52</b> - Simulação 3D da zona de sala de estar e escadas .....	49
<b>Figura 53</b> - Simulação 3D da zona de sala de estar .....	49
<b>Figura 54</b> - Simulação 3D da zona de quarto .....	50
<b>Figura 55</b> - Simulação 3D da zona de quarto .....	50
<b>Figura 56</b> - Painel de Apresentação.....	53

## Índice de tabelas

<b>Tabela 1</b> - Cronograma de trabalho .....	12
--	----



## 1. Introdução

No âmbito da elaboração do projeto final de licenciatura, do curso de Design de Interiores e Equipamento, foi proposto a escolha de uma das duas vertentes curriculares, sendo elas Design de Interiores ou Design de Equipamento. Neste sentido, optei pela área de Design de Interiores para a realização do projeto, uma vez que essa é a dimensão profissional com que mais me identifico e pretendo percorrer.

Neste programa, planeia-se a aplicação de todos os conhecimentos adquiridos ao longo do percurso académico.

Deste modo, como proposta para projeto final, tenciono reabilitar um anexo, pensa-se que construído no século XVIII, situado no norte do país - mais especificamente em Fareja, no concelho de Fafe - intervindo em toda a sua área e envolvente, transformando-o num ponto de turismo, funcionando como uma habitação T1.

No desenrolar da presente proposta, irão ser expostas soluções para a resolução de problemas funcionais e estruturais do local, tendo em conta todo o conceito delineado, onde serão expressos todos os procedimentos ostentados até à proposta final.

Este projeto representa uma mais-valia a níveis profissionais e pessoais, uma vez que libera o contato direto com a realidade da nossa área de estudo, com o nosso mundo de trabalho.

Espera-se, com o projeto final, que auxilie ao aumento do turismo na aldeia de Fareja, gerando um ponto de interesse tanto na região, como a outras amplitudes nacionais, que ofereça alojamento local e espaços de lazer e aprendizagem.

## 1.1. Enquadramento

Fareja é uma localidade portuguesa do município de Fafe, com 3,22 km<sup>2</sup> de área e 855 habitantes (2011). Densidade: 265,5 hab/km<sup>2</sup>. (Porto Editora – Fafe na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2021-05-22]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$fafe](https://www.infopedia.pt/$fafe)).

A aldeia faz fronteira com Guimarães e Felgueiras, é uma região fértil e de grandes propriedades rurais. De destacar uma colina na freguesia, do alto da qual se avista um deslumbrante panorama, no qual se integra Convento de Santa Cruz, onde, em meados do século passado, se celebravam missas e pregações.

Ouvir os relatos orais dos mais velhos é muito importante, mas por vezes torna-se um poço de confusão e de desencontro de ideias. A memória de cada um seleciona os instantes que mais marcaram o sujeito num determinado momento, sem que, no entanto, tome consciência do fenómeno no ato da retenção. Mesmo assim, aproveitaram-se umas tantas informações, que nos ajudaram a compreender melhor a história do local.

Afinal, a história é uma vida contada em fragmentos. Possui interesses e valores comuns, a proximidade nem sempre facilita a visão do conjunto.

O brasão de Fareja tem o seu escudo de ouro e nele estão representadas: duas azenhas (a azul), significando a indústria de moagem das margens do rio Vizela; as ondas, na parte inferior, simbolizam a água do rio como fator de progresso e fonte de energia das referidas azenhas; a enxada, também a cor azul, simboliza o instrumento mais usado na transformação da terra aplicado na agricultura; a Coroa Mural é de prata com três torres, próprio das freguesias; o Listel é branco, tendo a negro gravada a legenda “Fareja-Fafe”. A aprovação do brasão efetuou-se numa Assembleia de Freguesia de 30 de setembro de 1998, e foi publicado no Diário da República de 22 de dezembro de 1998, III Serie.<sup>1</sup>

A freguesia de Fareja confina com o extremo de três concelhos: Fafe, Guimarães e Felgueiras. A pureza da sua ruralidade deve-se, em parte, ao afastamento dos grandes centros urbanos. Hoje, as distâncias vencem-se com facilidade graças às boas vias de comunicação, e aos rápidos meios de transporte.

É uma das 36 freguesias do conselho de Fafe, no distrito de Braga. Os seus limites territoriais confrontam com as freguesias de Cepães no conselho de Fafe; com Serzedo, Infantas e Calvos do conselho de Guimarães; e ainda com Jugueiros do conselho de Felgueiras. Por aí já se vê que fica distante da sede destes três conselhos.

---

<sup>1</sup> (LEITE Artur & LOPES José, VAMOS CONHECER S. MARTINHO DE FAREJA, Paróquia de S. Martinho de Fareja, 2018 [2021-05-22], pág. 10).

### 1.1.1. Localização

O local escolhido para a realização do Projeto Final de licenciatura, o Anexo da Cruz, é um imóvel particular antigo, construído no ano de 1746. pertencente a um mosteiro do mesmo ano, designado de Convento da Cruz.

O edifício localiza-se na freguesia de Fareja, no concelho de Fafe, distrito de Braga e tem como endereço local “Quinta do Hospital”. Situa-se num lugar isolado, sem moradores por perto, destacando-se no meio em que se insere, tipicamente rural.



Figura 1 - Localização do Alpendre | vista de satélite



Figura 2 - Localização do Alpendre | vista de satélite ampliação

### 1.1.2. História

Atualmente, o Anexo encontra-se numa boa condição de preservação, devido ao bom estado das suas infraestruturas, que não foram alteradas desde 1746 (assume-se que terá sido construído no mesmo ano do Convento da Cruz).

Com a entrada do milho grosso em Portugal, a paisagem alterou-se, mais especificamente no Norte do país, motivando então o aparecimento dos espigueiros, alpendres, grandes eiras, medas de palha e o verde característico.

A construção destes edifícios é uma das consequências da cultura do milho-maiz. O conjunto do alpendre, parte de cima e de baixo e a eira<sup>3</sup>, constitui um ambiente característico do Baixo Minho, como grande produtor de milho.<sup>2</sup>

No que respeita à produção agrícola de meados do século XIX, (...), todos os lavradores semeavam muito milho graúdo, milho-alvo, trigo e centeio, pãoço e linho.<sup>3</sup>

Posto isto, o alpendre surge como local de secagem e armazenamento de cereais. Posteriormente, já no século XX, apresenta-se como lugar para guardar ferramentas, utensílios e máquinas agrícolas, como tratores, reboques, materiais de lavragem de campos, entre outros.

No ano de 2012, foi elaborada a Lei 22/2012 de 30 de maio, que pôs fim à autonomia administrativa de muitas freguesias no país, designadamente no concelho de Fafe. Algumas delas foram agrupadas de forma a diminuir o número dessas autarquias locais. Assim, e depois de várias reuniões de uma Comissão eleita para o efeito para a Assembleia Municipal, este órgão deliberou, em dezembro de 2012, constituir 8 uniões de freguesias, posteriormente ratificada pela Lei 11-A/2013 de 28 de janeiro de 2013, em que uma delas se refere a Fareja, que se agrupou com Cepães.<sup>4</sup>

Fareja está encaixada numa depressão a sul do monte da Lapinha, nas faldas da Serra de Santa Catarina (montanha da Penha), no lado norte e poente, e o monte de Fareja, também designado por monte de São Silvestre, pelo lado nascente da freguesia, ambos de média altitude.<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> (LEITE Artur & LOPES José, VAMOS CONHECER S. MARTINHO DE FAREJA, Paróquia de S. Martinho de Fareja, 2018 [2021-05-22], pág. 54).

<sup>3</sup> (LEITE Artur & LOPES José, VAMOS CONHECER S. MARTINHO DE FAREJA, Paróquia de S. Martinho de Fareja, 2018 [2021-05-22], pág. 51).

<sup>4</sup> (LEITE Artur & LOPES José, VAMOS CONHECER S. MARTINHO DE FAREJA, Paróquia de S. Martinho de Fareja, 2018 [2021-05-22], pp. 21-23).

<sup>5</sup> (LEITE Artur & LOPES José, VAMOS CONHECER S. MARTINHO DE FAREJA, Paróquia de S. Martinho de Fareja, 2018 [2021-05-22], pág. 23).

## ALPENDRE

Estas construções típicas do Minho e baixo Minho, surgem precisamente pelo elevado aumento das produções agrícolas da época. No Norte, designam-se de Alpendres, o que pode ser considerado um regionalismo.

Estas construções são espaços planos, normalmente feitos de pedra de granito, de dimensões que podem variar, nas quais os cereais eram secos, malhados e peneirados, após colhidos.

A sua origem está interligada à evolução da agricultura e o conseqüente cultivo dos cereais, mais especificamente o milho-maiz, onde se desenvolveram várias técnicas, ferramentas e instalações.

Estes edifícios podem ser designados de “casa da eira”. A expressão remonta aos anos 1500 em Portugal, o que fornecia nome ao terreno adjacente às casas, onde eram recolhidos os cereais, entre outros produtos agrícolas.

Cumpriam ainda funções sociais, uma vez que podiam decorrer cerimónias ou eventos públicos, tais como bailes ou missas.

Existe uma expressão referente ao desígnio destas construções, que, para se referir a alguém sem posses, pode utilizar-se a expressão "sem eira nem beira", esta é também mais frequentemente utilizada no Norte de Portugal.



Figura 1 - Fachada principal do Alpendre | Fotografia de 2016

### 1.1.3. Motivação

O trabalho surge como proposta para o Projeto Final de curso, Design de Interiores e Equipamento, no domínio de Design de Interiores. Consiste, então, na reabilitação do espaço de um Alpendre, convertendo-o numa habitação T1.

Este projeto nasceu por iniciativa própria, de modo a promover a aldeia de Fareja com um lugar de vertente turística, visando fornecer à região um novo ponto de alojamento local, sob forma de tornar a freguesia num ponto de maior fluido de turistas. Esta proposta surge, ainda, da vontade de atribuir vida a uma edificação praticamente abandonada.

Deste modo, o presente projeto germinou do interesse pela aldeia de Fareja, local da minha residência, mais especificamente por elevar Fareja a um outro nível de desenvolvimento a termos de turismo. O local onde o Alpendre se encontra possui elevado peso afetivo, uma vez que grande parcela da minha infância foi passada nos arredores e no interior dos limites desta Quinta da Cruz, que inclui o conjunto do Convento e o alpendre, alberga ainda uma casa de campo (que antigamente era utilizada como moradia pelos trabalhadores da propriedade).

Assim sendo, a degradação constante e a disfuncionalidade quase total do espaço a reabilitar (tal como do Convento da Cruz), suscitou numerosa curiosidade de como poderia ser proveitoso a renovação de todo aquele local, para passar a ser mais movimentado e com vida, germinando panoramas favoráveis, como o desenvolvimento turístico e cultural. Contudo, para que tal caso ocorra, é necessário recorrer à interatividade e funcionalismo destes espaços, de modo a cativar e albergar grande fluxo de utilizadores.

Posto isto, trata-se de um projeto um pouco desafiante, tanto a nível académico, como a nível pessoal, uma vez que a adesão terá primeiramente de iniciar no interior da região, para depois conseguir alcançar dimensões internacionais (sendo este o objetivo final), o que iria possibilitar contacto direto com diversas áreas. As restritas leis que terão de ser aplicadas e as reduzidas áreas do edifício, poderão dificultar um pouco a reabilitação do mesmo, no entanto, será um instrumento de aprendizagem e contribuirá, também, para o meu enriquecimento pessoal.

### 1.1.4. Problema

Para a realização desta proposta, surgiram imensos problemas, contudo, o maior será o estado de deterioração em que as estruturas internas se encontram.

Este fator engloba as suas portadas, visto que o edifício esteve abandonado durante vários anos e permaneceu sujeito à inclemência dos elementos, como a chuva, vento, neve, entre outros.

No que respeita ao interior da construção, este não possui a devida segurança para que seja possível movimentar-se no mesmo. Deste modo, terá de ser todo reformulado, ou seja, tem de se destruir o existente e proceder à colocação de um novo piso com todas as qualidades necessárias, o que inclui a estrutura que presta suporte ao telhado da construção.

Relativamente à zona exterior, é visível um pequeno pátio, no qual é viável elaborar algumas melhorias e construções para que se converta numa espécie de aumento à casa. Isto é, passaria por algumas transformações, de modo que o acesso ao interior da casa seja realizado de forma espontânea e direta.

Um outro fator primordial que trouxe complexidade ao projeto foi o facto de o alpendre enquadrar dimensões bastante reduzidas para a realização de uma habitação T1, compreendidas entre 31 e 34m<sup>2</sup>, respetivamente rés do chão e 1º piso.



Figura 2 - Interior do Alpendre | piso 1



Figura 3 - Interior do Alpendre | rés do chão

### 1.1.5. Cliente

Atualmente, o edifício está na posse da Doutora Cristina Chaves, professora do ensino superior, na cidade do Porto, onde leciona no Mestrado de Gestão e Economia do Ambiente.

A cliente apresentou algumas ideias de como gostaria de ver o projeto, no entanto, em conversações, afirmou que me dava total liberdade para esta intervenção, uma vez que esta se enquadra no âmbito de um curso superior. Referiu, desde logo, que já tinha pensado em efetuar esta transformação do espaço numa habitação, de preferência T1, para alojamento local turístico.

A proprietária não definiu um orçamento específico para a realização deste projeto, no entanto, afirmou que preferia que pensasse em orçamentos baixos, sem custos demasiado excessivos - tendo noção de que todas as reconstruções das infraestruturas e dos vãos, já por si só serão de alto custo.

Desta forma, a cliente espera uma habitação com todas as funcionalidades necessárias ao uso turístico, com uma estética simplificada, mas simultaneamente apelativa ao público, formando uma fusão com as características que a região fornece.



Figura 2 - Moodboard do cliente

## 2. Definição do Projeto

No âmbito da elaboração do projeto final de licenciatura, do curso de Design de Interiores e Equipamento, foi proposto a escolha de uma das duas vertentes curriculares, sendo elas Design de Interiores ou Design de Equipamento. Neste sentido, optei pela área de Design de Interiores para a realização do projeto, uma vez que essa é a dimensão profissional com que mais me identifico e pretendo percorrer.

Neste programa, planeia-se a aplicação de todos os conhecimentos adquiridos ao longo do percurso académico.

Deste modo, como proposta para projeto final, tenciono reabilitar um Alpendre, pensa-se que construído no século XVIII, situado no norte do país - mais especificamente em Fareja, no concelho de Fafe - intervindo em toda a sua área e envolvente, transformando-o num ponto de turismo, funcionando como uma habitação T1.

No desenrolar da presente proposta, irão ser expostas soluções para a resolução de problemas funcionais e estruturais do local, tendo em conta todo o conceito delineado, onde serão expressos todos os procedimentos ostentados até à proposta final.

Este projeto representa uma mais-valia a níveis profissionais e pessoais, uma vez que libera o contato direto com a realidade da área de estudo, com o mundo de trabalho.

Espera-se, com o projeto final, que auxilie ao aumento do turismo na aldeia de Fareja, gerando um ponto de interesse tanto na região, como a outras amplitudes nacionais, que ofereça alojamento local e espaços de lazer e aprendizagem.

## 2.1. Objetivos Gerais

Inicia-se esta parte com um dos principais objetivos, que é o de conseguir manter e respeitar o máximo possível as características, bem como os traços arquitetônicos do edifício.

Tenciona-se utilizar todo o espaço interior para projetar a habitação, assim como fazer uma boa utilização da parte exterior, de forma de obter um ponto de união entre os dois espaços, tentando, ao mesmo tempo, ter em atenção o desenvolvimento e a resolução das questões colocadas pela cliente - Almeja-se assim uma residência T1 que alcance todas as necessidades e requisitos básicos dos futuros utilizadores do local, havendo plena concordância a todos os níveis, a funcionalidade servindo a estética e o conforto.

Efetuar uma boa ligação entre pisos é um outro objetivo primordial que se pretende atingir, abrangendo a escadaria, que transbordará para o interior do espaço.

Procura-se que esta proposta de projeto seja exequível, criando locais equilibrados entre o design e a sustentabilidade, aplicando, desta forma, os conhecimentos adquiridos ao longo dos anos de aprendizagem, albergando as duas competências do curso, o design de interiores e, também, o design de equipamento, de modo a poder atrair e motivar pessoas a usufruir do lugar, por períodos de tempo ou mais ou menos alongados.



Figura 3 - Fachada principal do Alpendre

## 2.2. Objetivos Específicos

Este projeto tem como objetivos reabilitar o antigo Alpendre da Cruz, atribuindo-lhe novas funções. Tenciona-se elaborar um espaço funcional, apelativo e dinâmico, de forma a promover a deslocação de turistas e do povo da região ao novo Alpendre, bem como ao Convento da Cruz.

Como foi anteriormente referido, trata-se de um edifício histórico e com elevado valor cultural para a região Norte. Deste modo, as suas fachadas não sofrerão qualquer tipo de alteração, apenas será realizada intervenção no interior das suas robustas paredes de pedra granítica.

O principal objetivo é relativo à criação de duas zonas distintas no interior da construção - o rés do chão e o primeiro piso - que irão incluir as zonas essenciais de um alojamento local. O rés do chão dará origem à sala de estar e à cozinha; o primeiro andar albergará o quarto e o wc.

O exterior, neste momento, foi domado pela vegetação existente na parte lateral da edificação, assim sendo, o objetivo correspondente passará por limpar toda a zona verde e proceder à implementação de locais frescos e limpos, para que seja possível recuperar zonas de descanso e lazer no seio de toda a vegetação. A realização de um pátio frente à cozinha e sala será assim um outro ponto fulcral para toda a linguagem do projeto.

Um outro objetivo da proposta é harmonizar o tradicional com o design contemporâneo e algumas das peças de design rústico, dando a conhecer ao público-alvo a aldeia e um pouco da sua história. Esta junção procura preservar as técnicas construtivas e os antigos materiais utilizados na arquitetura destas edificações típicas do Norte do país.

Espera-se, com este projeto, atrair turistas à freguesia de Fareja, aproveitando das áreas verdes que a propriedade possui, bem como da dimensão cultural existente na edificação e no convento, criando mais-valias económicas e turísticas para a freguesia e região envolvente.

## 2.3. Metodologia Projetual

A metodologia projetual é um método de projeto para atingir resultados eficientes. Embora associada sobretudo à área do design, a metodologia de projeto pode ser utilizada em diversos âmbitos de conhecimento, onde se procura solucionar um determinado problema. Assim, o acompanhamento de metodologias de projeto é um fator fundamental, para ter em conta: métodos a adotar, decisões a tomar, identificação problemas e devidas soluções.

Em suma, a metodologia projetual indica o percurso desde a definição do problema até à sua resolução.

**Tabela 1 - Cronograma de trabalho**

	1 semana	2 semanas	3 semanas	4 semanas
Pesquisa inicial	Fevereiro			
Organização do espaço	Março			
Propostas de plantas	Março			
Folder de materiais	Abril			
Desenhos técnicos	Maio			
Simulações 3D	Maio			
Renders finais	Junho			
Layout de apresentação	Junho			
Relatório final	Junho			
Apresentação	Julho			
Reformulação e conclusão de todos os pontos do projeto	Julho			
Entrega final	Julho			

## 2.4. Programa

Para uma boa realização do projeto, resolvi, desde início, definir um programa com todos os elementos que pretendia para o Alpendre em termos de interiores e exteriores.

Deste modo, procedi à divisão do espaço em duas partes específicas: o interior e o exterior. Partindo destes, defini áreas particulares, relativamente ao interior, enquadrei quatro assoalhadas, respetivamente a sala, a cozinha, o quarto e o wc. No que concerne ao exterior, a segmentação já corresponde a apenas duas parcelas, sendo que a primeira se refere ao pátio e a segunda é atribuída a uma zona de resguardo, mais especificamente um ponto de duche.

No interior da construção, a divisão da sala engloba diversas zonas, a de repouso, de leitura, de televisão e de lareira. Já a cozinha dispõe de vários locais: de refeição, de arrumação, de preparação de alimentos e de armazenamento de alimentos. Referente ao quarto, encontram-se lugares de dormida, de arrumação, de secretária/preparação e de repouso. Por último, o wc abrange espaços de duche, de necessidades básicas, de preparação e de higiene.

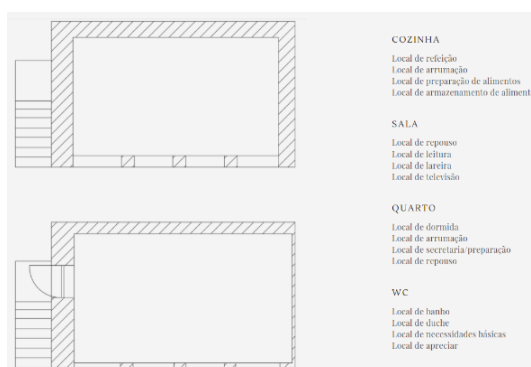


Figura 4 - Programa do r/chão e piso 1

No que toca ao exterior, o pátio inclui área de refeição, de descanso, de exposição solar e de admiração. Relativamente ao resguardo, contém principalmente sítio de duche, de repouso e de passagem/passadiço, sendo todos eles rodeados por vegetação saudável.

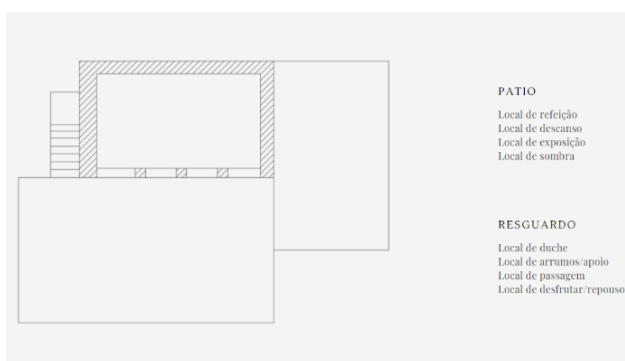


Figura 5 - Programa do exterior do Alpendre

Assim sendo, executei um plano explicativo, do que foi dito anteriormente, com os referentes espaços nas plantas. Na figura 6 está distribuído o programa para o rés do chão e ainda para o primeiro piso, sendo que as plantas surgem como os espaços limite em que serão inseridas as respetivas zonas; já na figura 7 encontram-se representados os limites exteriores para a implementação dos locais propostos.

De modo a facilitar a compreensão de como se iriam enquadrar as diferentes assalhadas no Alpendre, resolvi realizar um organograma base (figura 8).

Apresenta-se uma solução por pisos, em que o primeiro se encontra representado na parte superior do esquema, e o rés do chão surge na parte inferior do organograma. Assim sendo, a sala e cozinha pertencem ao rés do chão e o quarto e wc ocupam todo o piso superior.

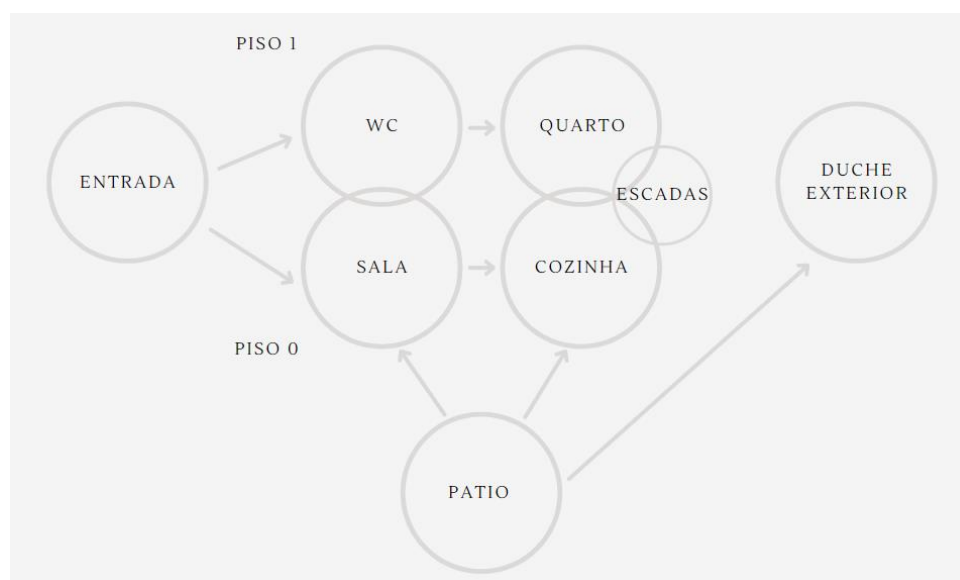


Figura 6 - Organograma Base

## 2.5. Descrição Pormenorizada do Espaço

### 2.5.1. Análise do Espaço

Como se sabe, o espaço alberga uma linhagem temporal muito antiga, que remete ao ano de 1746. Deste modo, o alpendre esteve durante bastantes anos ao abandono, tal acontecimento é determinável pelo seu aspeto e pelo seu estado de conservação.

Todos os elementos presentes no Alpendre não foram alterados nem reconstruídos, o que se traduz: no apodrecimento das estruturas de madeira; nas inúmeras fissurações visíveis nas suas paredes de pedra, que originam humidade e entrada de bichos e vegetação intrusa; no seu telhado, que ameaça ruir; nas suas portadas que já não conseguem proteger o interior da construção; entre outros problemas de pequena escala, mas que, em simultâneo, causam danos de elevadas dimensões.

Posto isto, a parte exterior abrange ainda uma proporção considerável, visto que enquadra um pátio com cerca de 36m<sup>2</sup> e ainda possui terreno verde, de maior dimensão (cerca do dobro), para a frente do mesmo, engloba ainda um pequeno terreno lateral que está infestado por Canas-da-Índia.



Figura 7 - Pátio e zona de vegetação do Alpendre

### 3.1. Casos de Estudo

#### 3.1.1. Caso de Estudo 01

##### | Casa Dos Guindais

A Casa Dos Guindais era uma antiga casa de família, do início do século XVIII, localizada no interior do Património Mundial da Unesco, junto à Muralha Fernandina e no início das Escadas dos Guindais, que dão acesso à Ribeira. Nesta casa, viveram e cresceram inúmeras gerações da mesma família.

Recentemente, foi objeto de uma renovação profunda, unificando o antigo com o moderno, de um modo incrível. Dando lugar a uma confortável 'casa-hotel'.

Os proprietários da Casa Dos Guindais são um casal cosmopolita e viajado, que demonstra saber muito sobre hospitalidade e sobre a importância da conjugação ímpar de localização, história e conforto.

O projeto de recuperação, da autoria dos arquitetos Sofia Marques de Aguiar e Ernesto Jimenez, preservou a estrutura original do edifício, realçando as paredes de pedra e as traves de madeira e, simultaneamente, inseriu elementos de contemporaneidade, que resultam numa atmosfera atraente e acolhedora.

O programa abrange cinco estúdios autónomos, com 'kitchenette', quartos com duas camas individuais e casa de banho, ambientados com bom gosto e com total conforto e comodidade. Estes fatores resultam da importância dada ao bom isolamento, aos materiais, bem como à qualidade de lençóis, almofadas e toalhas. O agradável jardim, nas traseiras da casa, e uma vista deslumbrante para os arredores da cidade dão o toque extra a este local único.

#### MOTIVO

Optei por trazer este primeiro caso de estudo ao meu projeto pela simplicidade no seu todo e pelo interesse por lugares históricos e bastante antigos. Também porque a arquitetura e o design realizados no interior das habitações foram pensados em conformidade com a casa, e não o oposto.



Figura 9 - Quarto do caso de estudo 1 | OPORTOCOOL



Figura 8 - Quarto do caso de estudo 1 | OPORTOCOOL

## ESTÉTICA

No que respeita à sua estética geral, não possui grandes ornamentos, respeitando as funções originais do edifício, bem como as estruturas em madeira. Estas foram deixadas em evidência, podendo assim transmitir a ideia de que algo antigo e com história existiu naquele preciso lugar. Realizou-se uma combinação entre o antigo e o moderno nos equipamentos e decorações do projeto. Grande parte das pedras que erguem o edifício, da Casa dos Guindais<sup>6</sup> foram deixadas expostas, levando apenas alguns tratamentos, o que é um fator relevante para mim, bem como para o meu projeto, uma vez que pretendo a exibição das pedras de granito no mesmo.

## DISPOSIÇÃO

A disposição do espaço foi muito bem conseguida. Os quartos, embora de dimensões reduzidas, enquadraram uma casa de banho particular e ainda uma 'kitchenette'. Aproveitou-se ainda as saliências e reentrâncias da estrutura de pedra para organizar os quartos e produzir funcionalidades para os mesmos, como é o caso de algumas prateleiras.

## MATERIAIS

Como atrás referido, os materiais são complementares. Isto é, a utilização de madeiras lacadas a branco, conjugadas com lacados a preto, inicia uma junção de jogos de luz e sombra, tornando o ambiente menos melancólico e mais confortável.



Figura 11 - Kitchenette do caso de estudo 1 | OPORTOCOOL



Figura 10 - Hall de entrada para quarto | OPORTOCOOL

<sup>6</sup> Visit Porto - Casa dos Guindais no Visit Porto [em linha]. Porto: Visit Porto. [consult. 2021-04-04]

### 3.1.2. Caso de Estudo 02

#### | Turismo Rural em Linhares<sup>7</sup>

O edifício existente constituiu a casa do proprietário e está integrado numa quinta da região de Paredes de Coura, representando uma construção típica das regiões agrícolas do norte de Portugal.

A adaptação a uma casa de turismo rural exigiu uma ampliação, de modo a funcionar separadamente, um apartamento com dois quartos e um estúdio.

A nova área foi construída com a mesma parede da casa existente, com o intuito de manter a materialidade do edifício original.

Virada a sul, a organização em 'L' permitiu aproveitar a melhor exposição solar e criar dois espaços exteriores autónomos e diretamente ligados a cada um dos espaços existentes.

A antiga casa de caseiro funciona, atualmente, com uma identidade própria, sendo que foi previamente adaptada a um turismo rural mais contemporâneo.

#### MOTIVO

A causa pela qual decidi apresentar este segundo caso de estudo baseia-se no seu design diferenciado. Isto é, possui uma forte ligação com o moderno e, simultaneamente, com o antigo. Este espaço pertence à 'minimal art' e, sincronicamente, ao design trabalho, que remete para trabalhos manuais (como, por exemplo, o facto de os móveis serem adaptados ao espaço existente, sendo dobráveis ou extensíveis, de forma a ganhar mais espaço). Um outro ponto desta diferenciação, é o fator cor, ou seja, a cor é aqui utilizada com a finalidade de realizar uma separação de espaços - o estúdio traduz-se pela cor rosa (das paredes), já a parte dos quartos e 'casa' sobressai através da cor azul-esverdeado.

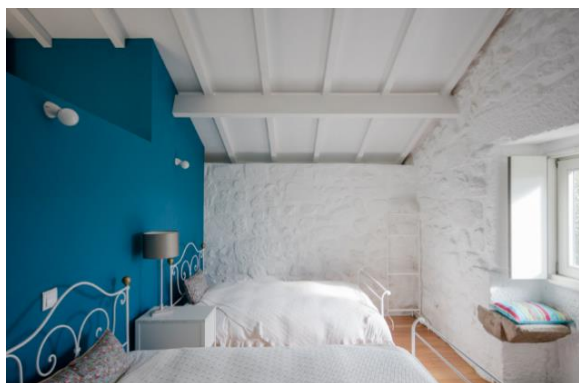


Figura 13 - Quarto do caso de estudo 2 | João Morgado



Figura 12 - Sala e cozinha do caso de estudo 2 | João Morgado

<sup>7</sup> Escritório de Arquitetos - Paredes de Coura no Archdaily [em linha]. Chile: Archdaily. [consult. 2021-04-4]

## ESTÉTICA

No que concerne à estética, não é um conceito com que me identifique muito, visto que engloba elementos muito tapados, sem elementos decorativos à vista. Inclui uma passagem brusca do antigo para o contemporâneo, sem que exista um ponto intermédio, o que tem o seu grau de interesse, no entanto, não é algo que pessoalmente aprecie. Contudo, dispõe de alguns elementos relevantes, como o candeeiro central mais dinâmico e com mais imposição de cor, que retrata uma espécie de quebra entre os dois ambientes gerados.

## DISPOSIÇÃO

A respeito da disposição da habitação, foi bem pensada e estudada, enquadrando conceitos e 'ilusões' de que todo o ambiente é desmontável e que se pode realizar diferentes combinações/adequações num mesmo espaço.

## MATERIAIS

No que refere aos materiais utilizados, é evidente as madeiras, sejam elas maciças, laminadas ou até mesmo contraplacados (como as vigas, o forro de teto e grande parte do mobiliário), o que retrata na perfeição o contemporâneo e o primitivo. As tintas utilizadas retiraram do ambiente a cor natural da pedra que poderia tornar as assoalhadas frias e melancólicas, ao invés, possibilitaram uma maior alegria e dinamismo à casa.



Figura 15 - Sala do caso de estudo 2 | João Morgado



Figura 14 - Corredor de ligação | João Morgado

### 3.1.3. Caso de Estudo 03

#### | Rural House<sup>8</sup>

Situada numa pequena e bem preservada aldeia do centro rural de Portugal, perto da fronteira, a habitação, como tantas outras à sua volta, esteve fechada e sem utilização durante mais de meio século. No entanto, a casa 'Rural House' tinha uma dignidade tranquila e uma beleza triste.

O objetivo deste projeto era transformar um antigo forno comunitário, mantido na família do proprietário há décadas, numa casa de férias confortável, com quartos de dimensões suficientes para reunir toda a família, quando necessário.

A construção original consistia num pequeno andar, com paredes densas de granito exposto e um telhado de duas águas. Uma área murada, incluindo um pátio quase em ruínas, complementa a propriedade.

A região caracteriza-se por invernos gelados e verões sufocantes, deste modo, o projeto incluiu várias sugestões, como, por exemplo:

- manter as paredes externas, elevando-as ao alinhamento da construção adjacente, permitindo uma maior volumetria e a possibilidade de construção de mezanino;
- manter um exterior discreto e tradicional, assumindo a possibilidade de o tornar num espaço muito mais contemporâneo e envolvente;
- compensar a falta de espaço, maximizando a sua utilização e reduzindo as partições ao essencial, procurando uma qualidade volumétrica.
- transformar a área rodeada por muros num pequeno jardim exterior, contendo um espaço coberto, de modo a permitir refeições externas.



**Figura 16** - Sala do caso de estudo 3 | Ricardo Oliveira Alves



**Figura 17** - Cozinha/sala do caso de estudo 3 | Ricardo Oliveira Alves

<sup>8</sup> HBG Arquitectos - Rural House in Portugal no Archdaily [em linha]. Chile: Archdaily. [consult. 2021-04-4]

Um exterior austero, materializado em granito bruto, harmoniza-se suavemente com as construções circundantes, mas contrasta com um interior claramente contemporâneo, delicadamente moldado num espaço acolhedor, caloroso e confortável, que apresenta uma luminosidade surpreendente, (tendo em conta que as construções tradicionais da área geralmente têm interiores escuros e sombrios). Um interior semelhante a um 'loft', reúne áreas de cozinha, de estar e comer num único espaço no nível de entrada, enquanto as áreas íntimas ficam na parte superior adicionada.

O principal elemento focal de toda a intervenção é a 'escada-banco-mesa-lareira' personalizada, que define todas as regras para a construção. Este é o elemento gerador de todas as geometrias internas e o fio condutor de todo o projeto, o que acentua a verticalidade da área de dupla altura.

A entrada de luz é cuidadosamente controlada através de aberturas de parede e zenital, que produzem efeitos dramáticos na pedra bujardada e nos elementos de madeira que proliferam na casa, mudando o ambiente aos vários momentos do dia.

O pátio murado inclui um galpão, um jardim, algumas árvores que irão envelhecer com a casa e um pequeno lago revestido de pedra.



Figura 19 - Quarto do caso de estudo 3 | Ricardo Oliveira Alves



Figura 18 - Escadaria | Ricardo Oliveira Alves

## MOTIVO

O fundamento pela qual elegi o caso de estudo da 'Rural House' reflete o facto de ser um local com imensas semelhanças ao espaço eleito para a realização do projeto final de licenciatura. Deste modo, fatores como: dimensões reduzidas, evidência (quase total) da pedra, localização rural e dinamismo, suscitaram o meu fascínio e atenção, uma vez que são algumas das 'qualidades' que pretendo inserir no meu projeto final.

## ESTÉTICA

A estética deste projeto é um aspeto bastante relevante e proveitoso, visto que todo o seu interior apresenta dinamismo e continuidade. É exemplo o degrau que consegue englobar quatro funcionalidades: banco, escada, mesa e ainda apoio de lareira - o ambiente transforma-se, assim, em novidade, no centro da aldeia.

## DISPOSIÇÃO

Como se trata de um espaço de áreas reduzidas, a distribuição que foi realizada na habitação abrangeu o conceito 'open space', em toda a casa, incluindo o exterior. Deste modo, a cozinha e sala não têm nenhum tipo de separação, bem como o quarto, onde apenas foi colocado um ripado de madeira com função de divisória, no entanto, este situa-se no piso superior da casa, sítio onde se localiza a casa de banho. Assim, do quarto é possível ter visibilidade para a sala, e acesso para a mesma, tal como a cozinha e sala possuem acesso para a parte exterior do edifício.

## MATERIAIS

No que respeita aos materiais, o projeto compreende escolhas sustentáveis, implementando madeiras naturais, visíveis em todos os elementos de arrumação, a pedra, um outro exemplo de naturalidade e sustentabilidade no espaço, está presente nas escadas, em todas as paredes da casa, nos tampos da mesa e do balcão de cozinha e ainda nos muros exteriores do terraço.



Figura 20 - Pátio do caso de estudo 3 | Ricardo Oliveira Alves



Figura 21 - Cozinha do caso de estudo 3 | Ricardo Oliveira Alves

### 3.1.4. Caso de Estudo 04

#### | Granary Reconstruction<sup>9</sup>

O ‘celeiro’ original situa-se num terreno no Norte do país, em Guimarães. O seu proprietário ambicionava transferi-lo para novo local, na mesma cidade, convertendo-o assim numa moradia, uma vez que era necessária a extensão deste edifício. Todavia, a dimensão do mesmo não permitiu cumprir com o programa previsto para o projeto inicial.

Com isto, e tendo de escolher entre a fidelidade absoluta ao pré-existente e a sua reinterpretação num novo modelo que preservasse a sua essência, privilegiou-se então a segunda abordagem. Desta forma, surgiu o novo ‘celeiro’, acrescentando dois módulos vigentes aos quatro originais, tendo-se ainda aproveitado algumas peças derivadas de outras demolições.

Na reconstrução do edifício, manteve-se a parede de granito como componente estrutural. Além disso, foi adotada uma estrutura de aço e madeira no piso superior, bem como na cobertura. Num modelo marcado principalmente pela fachada amplamente aberta, manteve-se também o foco na sua orientação, virada a sul.

O recorte das vidraças deriva principalmente da ideia de uma nova e atual fachada para o edifício. Corretamente calculado para as venezianas exteriores retráteis, o presente recuo evita, simultaneamente, o comprometimento direto das esquadrias com a estrutura de granito, optando por reinterpretar, nessas mesmas portas envidraçadas, o significado formal dos planos de ripas de madeira que preenchiam os vãos do celeiro.



**Figura 22** - Fachada principal do caso de estudo 4  
| Luís Ferreira Alves



**Figura 23** - Fachada com vista para o interior |  
Luís Ferreira Alves

<sup>9</sup> DIVISARE – José Gigante na DIVISARE [em linha]. Roma: DIVISARE. [consult. 2021-04-04]

Abandonando a procura de uma interpretação literal do modelo preexistente, o desenho das venezianas procura dar resposta às atuais exigências de funcionalidade e conforto, permitindo assim a sua abertura total ou parcial, proporcionando uma melhor ventilação, ajudando ainda a garantir mudanças sutis de luz na legibilidade da fachada.

Num sistema que se pretende harmónico, a estrutura granítica nunca aparece dissociada do enchimento dos vãos. Em vista disso, a espessura da fachada é desenhada pelas mesmas portas com venezianas que, quando abertas, revelam o espaço interior.



Figura 24 - Portadas encarnadas  
| Luís Ferreira Alves



Figura 25 - Modo de abertura das portadas do caso de estudo 4 |  
Luís Ferreira Alves

## MOTIVO

A razão pela qual elegi este caso de estudo, resume-se à semelhança da identidade visual que este projeto possui face ao Alpendre (local do projeto final). Assim, permite ter uma melhor noção do que já foi feito, no que respeita a estas edificações típicas adaptadas a habitação. Admite ainda um melhor entendimento dos procedimentos que foram necessários para a elaboração de uma proposta desta tipologia.

## ESTÉTICA

Assim, toda a estética presente neste 'celeiro' permite uma total concordância com o espaço e o dinamismo de toda a sua estrutura granítica. As portadas foram pensadas em toda a história que o edifício engloba, enquadrando elementos como os ripados de madeira, que são extremamente típicos em edificações destas tipologias.

## DISPOSIÇÃO

No que respeita à disposição que o espaço insere, foi pensada em conformidade com o exterior, e não o oposto (como por vezes verificamos em alguns projetos de maior amplitude), o que traduz numa simplicidade e organização fundamental e devida para um espaço deste tipo, que possui algumas desvantagens na sua estrutura primária, como conter janelas em apenas 1 fachada (em alguns casos chega a obter 2 fachadas de janelas), ou pelo facto de só enquadrar uma única porta principal, sendo que as portas secundárias terão de subsistir partindo dos nichos existentes, isto é, das enormes portadas que a edificação integra.

## MATERIAIS

Apesar de o espaço não estar totalmente mobilado, as intervenções que foram realizadas a níveis de materiais utilizados, remete para os materiais naturais, onde predomina a madeira e seus aglomerados. Aqui, a pedra é totalmente evidenciada no seu exterior; já no interior da habitação, os apontamentos deste elemento não dominam com tanta amplitude.



Figura 27 - Intervalo entre vãos |  
Luís Ferreira Alves



Figura 26 - Interior referente ao r/chão do caso de estudo 4  
| Luís Ferreira Alves

### **3.2. Conclusões e Considerações**

Partindo dos casos de estudos expostos no presente trabalho, extraíram-se características importantes, nomeadamente algumas soluções de organização espacial, de implementação de conceitos, bem como de questões de adaptabilidade do interior à construção e não a adaptação da construção à habitação. Estas foram as principais vertentes que mais foram incluídas na proposta.

No geral, a estética dos projetos foi um elemento secundário na escolha dos casos de estudo, uma vez que este ponto é considerado um pouco subjetivo e nem todas as situações se adequam ao 'estilo' estético pretendido.

Os materiais utilizados nos casos de estudo foram fundamentais para obter uma melhor perceção do tipo de elementos que se utilizam em determinadas situações. Assim, o último caso de estudo é um exemplo satisfatório do que se pode realizar naquele tipo de ambiente mais rústico e coberto de pedra granito.

## 4. Proposta de Projeto

### 4.1. Soluções Propostas

#### 4.1.1. Alterações Estruturais

Numa fase inicial, relativa às soluções de proposta, realizei alguns estudos base sobre qual seria a melhor disposição do espaço, quais assoalhadas ficariam melhor no piso térreo e as mais adequadas para o piso superior.

Deste modo, e uma vez que o espaço primário não dispunha de nenhum elemento de mobiliário ou construtivo, tornou-se mais fácil jogar com o espaço, visto que não usufrui de rede predial de água fria e água quente, nem de sistema de drenagem predial de águas residuais, nem nenhum tipo de instalação elétrica, o que traduz uma vantagem do ponto de vista da disposição, pois não existe nenhum entrave para a realização das diferentes divisões.

Além disso, não possuía escadas interiores o que revela um ponto favorável à pesquisa da organização espacial - porém, tornou um pouco difícil a realização de todas as assoalhadas que idealizei para o interior do Alpendre, visto que as escadas são de proporções consideráveis, então foi necessário a realização de diferentes estudos de disposições do espaço (soluções apresentadas em Anexo B).

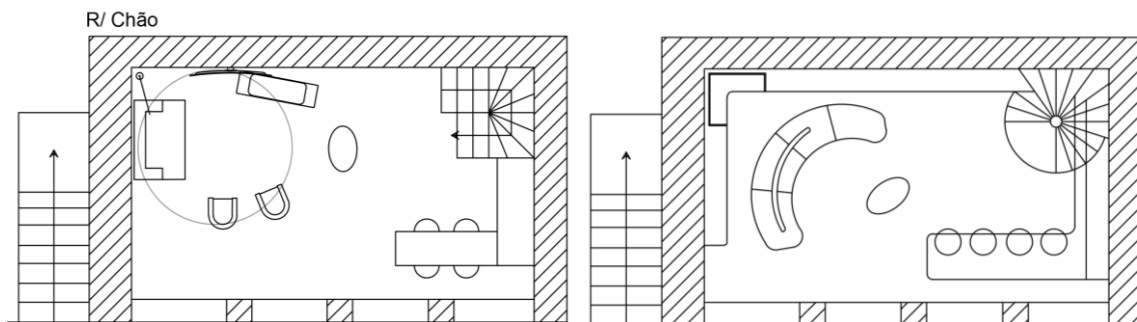


Figura 29 - Solução de escadas

Figura 28 - Solução de escadas r/chão

A nível estrutural, as vigas que forneciam suporte ao pavimento e ao telhado foram retiradas, de forma a poder colocar-se, posteriormente, umas novas e atuais alterando um pouco a sua disposição e dando uma maior sustentação. Repetiu-se o mesmo procedimento para o telhado, bem como para o pavimento do piso superior. No que concerne ao telhado, este iria obrigatoriamente conter um forro (feito a partir de derivados de madeira) e ainda pequenas vigas para manter estrutura. No que respeita ao pavimento, este seria todo renovado, com novos elementos de suporte todos em madeira e a laminado flutuante.

Relativamente aos elementos de pedra existentes em todo o edifício, estes seriam completamente revistos e tratados, de forma que todas as pequenas e grandes fissurações fossem ocultadas corretamente, para que assim fossem evitados problemas de humidade e fungos invasores.

Em consequência das dimensões reduzidas da edificação não foi possível a adaptação do interior à legislação referente à mobilidade reduzida. No entanto, tendo noção de que se trata de um edifício turístico, normalmente obrigado a cumprir a legislação, a lei declara que construções com menos de 150 m<sup>2</sup> e sem condições para as instalações, respetivas a mobilidade reduzida, não são obrigados a cumprir. (Decreto de Lei nº163\2006, 8 agosto 2006, Artigo 2º, alínea r)).

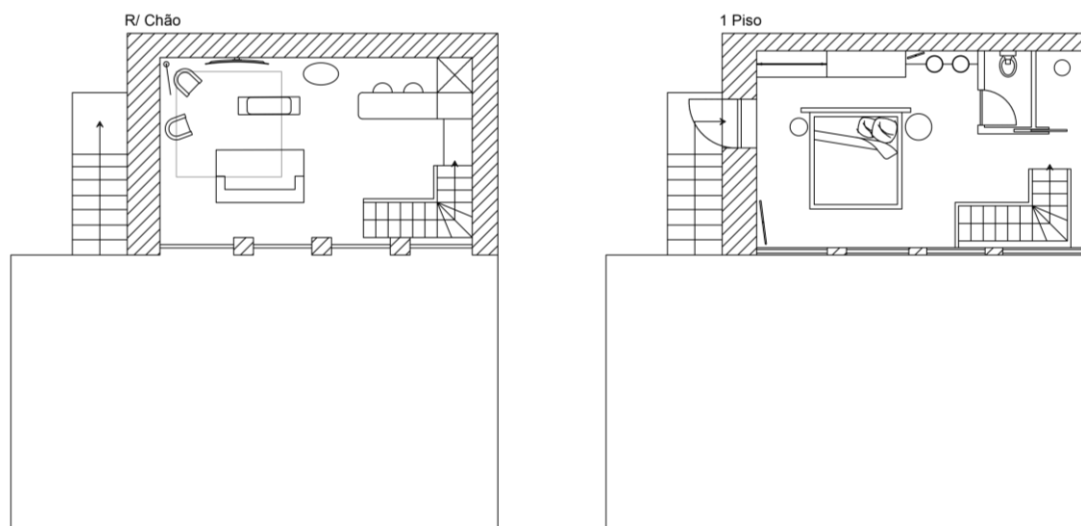


Figura 30 - Solução de distribuição espacial do Alpendre

### 4.1.2. Distribuição Espacial

A distribuição espacial, foi a fase mais complicada do projeto. Representa um dos estágios iniciais e primordiais de todo o processo. Nela, realizei inúmeras soluções de proposta, contudo, não estava a conseguir grande sucesso. Apesar de já ter definido a solução que ficava em cada piso, não estava a conseguir conciliar os conceitos que pretendia englobar no programa do alpendre.

Posto isto, efetuei inúmeras sugestões de organização espacial, nas quais passei por enquadrar uma mezanino; sofás com módulos de forma a conseguir evidenciar maiores dinâmicas no espaço; paredes arredondadas para quebrar os retângulos rijos de toda a arquitetura do Alpendre; entre outras (dispostas em Anexo B).

A localização da escadaria interior foi ponto de algum impasse, dado que para a sua realização é preciso obedecer às legislações a ela referentes. Deste modo, a escadaria passou por diversas interpretações, sendo que a ideia inicial era ficarem em continuidade com as escadas exteriores já existentes, contudo, não foi possível devido ao número de degraus estipulado (13). Assim, esbocei alternativas de modo a obter um melhor aproveitamento do espaço útil do piso térreo, bem como não retirar demasiada amplitude para a assoalhada superior. (As soluções propostas encontram-se também em Anexo B, juntamente com as sugestões de plantas). Para chegar ao resultado final, enquadrei fatores como a passagem de tubagens, a observação do exterior para o interior do espaço, o ruído visual que poderia causar, entre outros.

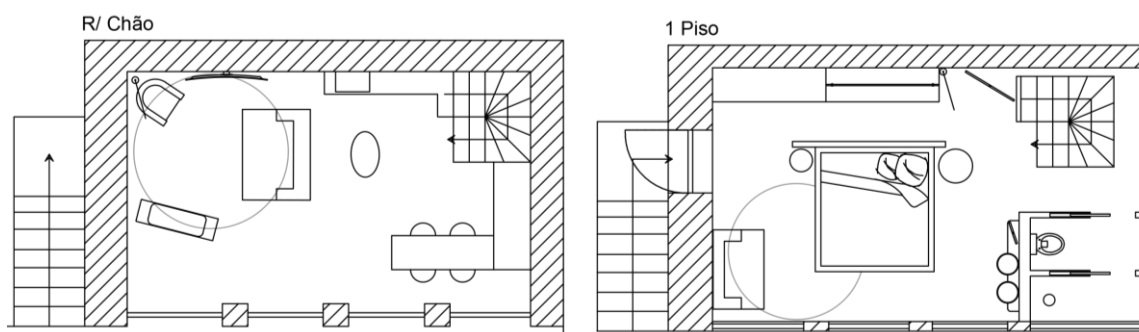


Figura 31 - Solução de distribuição das escadas do Alpendre | r/chão e piso 1

A localização do wc foi outro elemento que exigiu alguns cuidados e ‘cálculos’. A passagem de tubos de águas quente e fria e de águas residuais tornou-se um impedimento para que conseguisse colocar o wc em qualquer sítio do espaço interior, assim, tendo em consideração estas condicionantes, os saneamentos tiveram de ficar posicionados de determinado modo, sendo que a casa de banho ficaria encostada à parede inferior do espaço e os seus saneamentos teriam de ser inseridos numa parede falsa, de modo a que as descargas e passagens de águas pelas tubagens não fossem incómodas para quem esteja a usufruir do quarto.

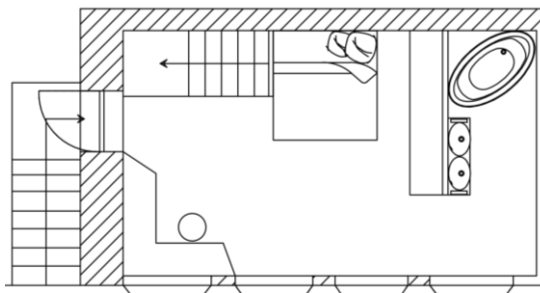


Figura 32 - Solução de wc no piso 1

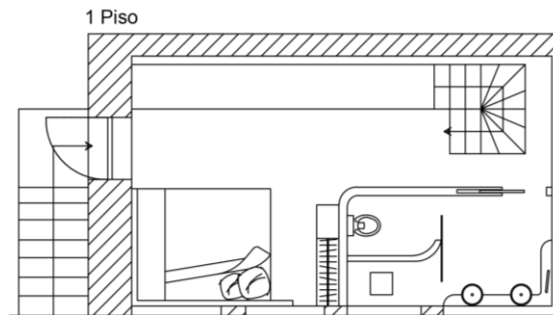


Figura 33 - Solução de wc no piso 1

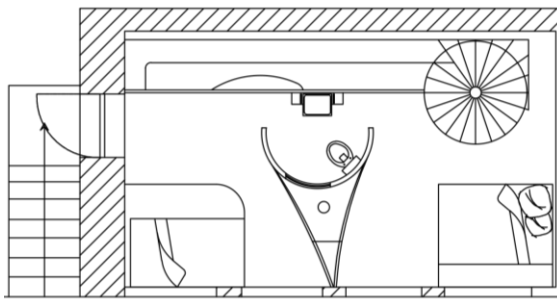


Figura 35 - Solução de wc no centro do piso 1

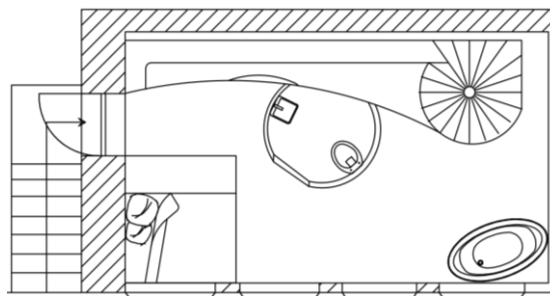


Figura 34 - Solução de wc no centro do piso 1

## 4.2. Paleta Cromática

Como paleta cromática do projeto, tive por base a escolha de tons neutros, com um pequeno apontamento de cor, direcionado para as portadas imensas do edifício. Deste modo, as tonalidades que predominam são os beges, os castanhos e os pretos. De forma a fornecer uma maior dinâmica e concordância com o espaço existente tradicional, e a atual proposta, incluí a cor encarnada, uma vez que esta é reflexo da antiguidade.

Numa pesquisa realizada a Alpendres típicos do baixo Minho, ressaltou o fator encarnado nas portadas de praticamente todas as edificações deste género. Assim sendo, o encarnado não surge apenas pelo fator tradicional e afetoso, manifesta-se também como forma de aplicar um rompimento nos tons melancólicos empregues nas pedras que constituem a estrutura de todo o Alpendre.

Para além de todas as cores centrais, importa referir ainda as texturas da madeira de carvalho, bem como a pedra de granito, materiais bastante presentes nos espaços interior e exterior. Estes são ainda típicos da região, o que em edificações antigas é imensa a presença destes dois elementos naturais.

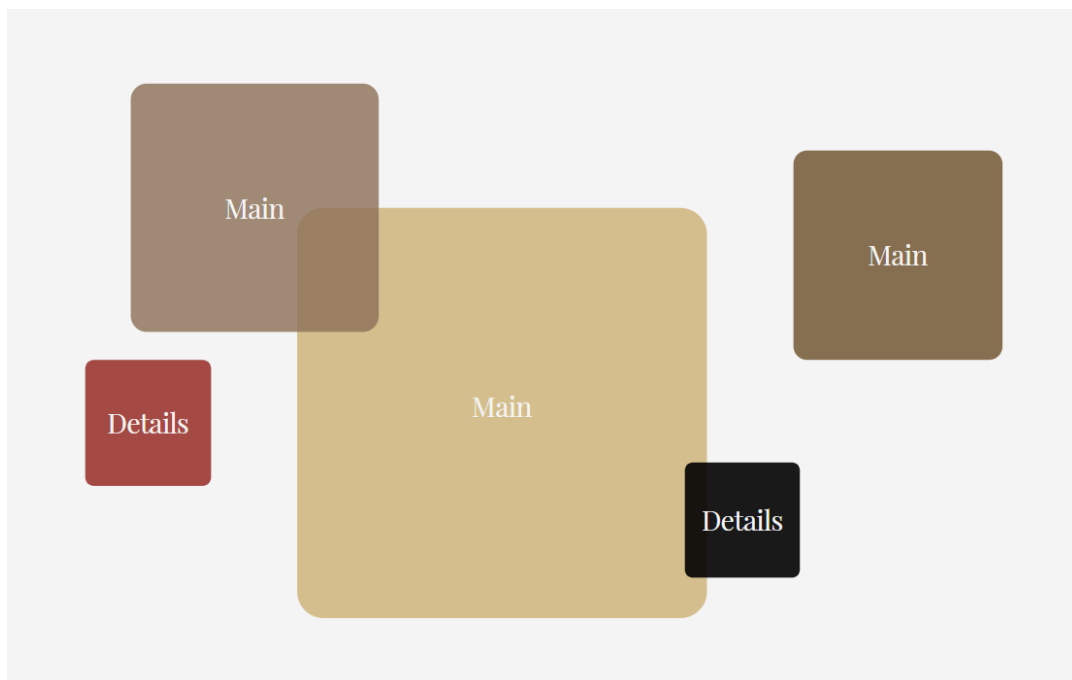


Figura 36 - Paleta Cromática do Alpendre

### 4.3. Conceito

Este projeto integra três conceitos base: o tradicional, o contemporâneo e o rústico, transpondo ainda noções de conforto e sustentabilidade. Desta forma, visa agregar elementos da identidade cultural do espaço, tal como, as texturas, os materiais e cores utilizadas nestas construções, isto é, aborda elementos caracterizadores da aldeia de Fareja.

Deste modo, a parte tradicional está presente em toda a estrutura da casa, que não foi alterada, e ainda nos materiais típicos da região (como a madeira de carvalho), que optei por inserir na minha proposta, deixando visível toda a rusticidade da pedra.

O contemporâneo surge como forma de ligação com as exigências que a atualidade requer, fomentando uma maior atração junto do público mais jovem.

No que respeita ao fator rústico, insere-se principalmente na textura de que os materiais dispõem, tais como, acabamentos naturais de madeira, a presença de pêlo sintético nos equipamentos têxteis, entre outros.

Assim, o elo de ligação existente entre os dois pisos da edificação consiste na inclusão da cor encarnada (remetendo às portadas típicas destas construções), em alguns apontamentos em equipamentos e têxteis do interior do espaço.

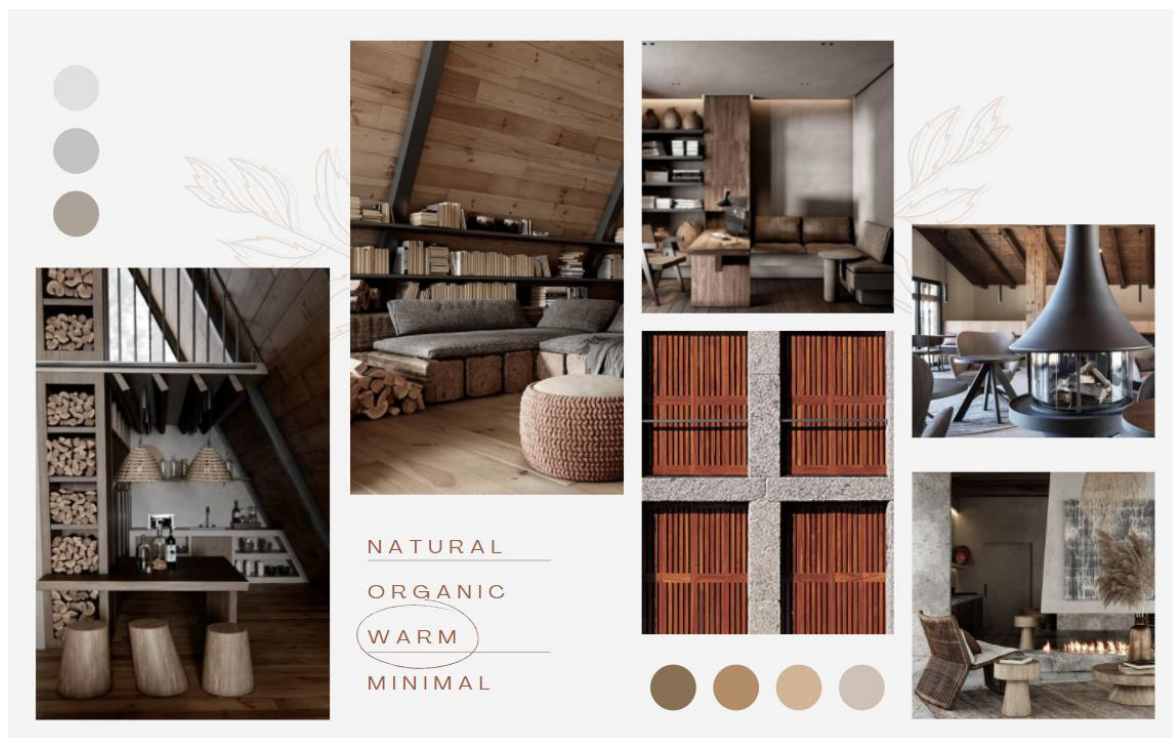


Figura 37 - Moodboard de inspirações

Relativamente aos equipamentos, o interior do espaço foi pensado em conformidade com os sumptuosos vãos existentes nas fachadas principal e lateral do edifício, tendo em atenção a vista que será proporcionada do interior para o exterior e vice-versa.

Em suma, o conceito de todo o projeto transmite a conceção de um espaço rico em identidade, sendo ela cultural e geográfica, promovendo ligações entre todas as assoalhadas existentes, demonstrando alguma história nos seus equipamentos (como na exposição de encaixes de madeira), trazendo ainda todas as comodidades necessárias para a vida atual, mantendo sempre a identidade primária do local.

### 4.3.1. Público-alvo

O presente projeto centra-se fundamentalmente no turismo da freguesia de Fareja (e arredores), almeja promover uma zona de alojamento, lazer e exploração - cultural e geográfica - aos turistas. Como é comum em todo o território português, o maior fluxo de turismo na região ocorre no verão. Com isso, além de se focar no turismo, esta proposta direciona-se também às populações locais, levando novas experiências às mesmas, sem ser necessário sair do distrito. Procura-se ainda levar as pessoas da região a visitar o Alpendre e o convento de modo a obter um maior conhecimento cultural da zona e um pouco da história da aldeia e daquela propriedade, através da criação de um ambiente calmo e relaxante, no qual todos possam sentir conforto e harmonia.

Desta forma, o Alpendre é programado para acomodar grupos de pessoas de todas as idades, enquadradas na classe social média.

Todavia, é possível afirmar que será requerido, particularmente, por pessoas citadinas, que procuram desfrutar de um ambiente mais tranquilo - fugindo de todos os 'problemas' urbanos, bem como de todos os ruídos excessivos e agressivos - e ainda solicitado por visitantes, que se possam deslocar ao local, para assim conhecer as várias tradições da aldeia e região envolvente.

## 4.4. Equipamentos

No que respeita aos equipamentos dispostos pelo Alpendre, a minha escolha recaiu para que fossem o mais sustentáveis e naturais possíveis e que não fossem de cariz fixo, pois como as dimensões do espaço são reduzidas a colocação de equipamentos fixos iria prejudicar um pouco na mobilidade no interior. A maior parte do mobiliário não sendo de vertente fixa, é possível o arrastamento ou a movimentação dos mesmos para outras zonas, tornando o espaço mais dinâmico e com opções diversificadas (é o caso da sala de estar, por exemplo).

Uma vez que a cliente não definiu um orçamento exclusivo, tentei concentrar elementos de custos baixos, colocando apenas o essencial para uma boa estadia num alojamento local, não atingindo assim valores demasiado excessivos.

Todos os equipamentos que elegi para fazerem parte da organização deste projeto, foram pensados a diferentes dimensões: estética - contemporaneidade, rusticidade; vida útil; manutenção. Assim, trouxe equipamentos de madeiras naturais, como é o caso das 'long chairs vintage' e a mesa de apoio - dispostas na sala de estar - algumas noções de modernismo foram, também, implementadas, por exemplo no sofá rebatível e na 'coffee table' - também elas dispostas na sala de estar. A temática da sustentabilidade advém de elementos 'ecofriendly' como os cabides para colocar roupa, feitos de bambu. A termos de manutenção, o mobiliário foi escolhido de forma que seja facilmente limpo e tratado, como pode ser exemplo a bancada de cozinha e a mesa de refeições.

O mobiliário definido é, na sua grande maioria, executado em madeira de carvalho, por ser predominante na região, e utilizado em séculos passados na mesma, arrecadando grande valor cultural (e um pouco sentimental para a população), refletindo tradição e remetendo para antigas civilizações tipicamente agrícolas e de baixos rendimentos económicos, que se poderiam sustentar com a execução de artesanatos a partir da madeira de carvalho.

#### 4.4.1. Peça de Mobiliário

Para o presente trabalho, foi-nos proposto a elaboração de uma peça da vertente do design de equipamento. Desta forma, resolvi realizar a mesa de refeições que vai servir o interior da habitação.

De forma que a mesa fique perfeitamente enquadrada em todos os conceitos expostos na habitação, esta terá de ser o total reflexo dos mesmos, isto é, tem de possuir particularidades modernas, com apontamentos de antiguidades e ainda com noções um pouco rústicas. Para que tudo isto seja possível, idealizei tipologias de mesa que reaproveitassem os desperdícios, pegando ainda no conceito da sustentabilidade, e que pudesse ser facilmente movível, sem que tivesse uma forma totalmente fixa - estas soluções encontram-se em Anexo B.

Com isto, para a solução final, pensei elevar o tampo da mesa relativamente ao balcão fixo de parede, ficando sobreposto ao mesmo, de forma a proporcionar um maior dinamismo no que respeita à parte da cozinha. Assim sendo, a composição da mesa passa por incluir:

- dois tampos, o superior é extensível lateralmente - de modo a permitir um melhor conforto na hora da refeição, tal como distanciar um pouco o local de refeições da zona de confeção de alimentos;
- um espaço próprio para arrumação dos bancos especificados para a mesa - as dimensões deste espaço (0.62x0.65x0.82m) permitem recolher 4 bancos em simultâneo;
- um armário de arrumação embutido, ou seja, imediatamente na parte inferior aos tampos, tendo integrada uma pequena garrafeira;
- um rodapé, evita que o armário fique em contacto direto com o chão, prevenindo problemas de humidade.

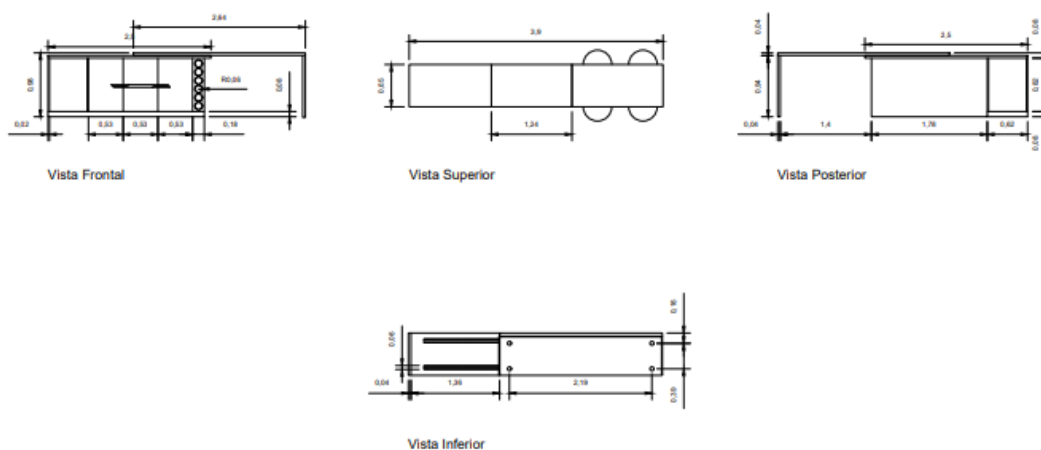


Figura 38 - Desenho de conjunto da mesa de refeições

## ANTIGO

Assim, a temática da antiguidade está presente nos encaixes à vista, como o malhete de rabo de andorinha (visível na junção da base vertical e do tampo superior) - fator que remete para os antigos mestres marceneiros que realizavam qualquer tipo de encaixe à mão, esculpindo-os na perfeição, tornando a peça de artesanato ainda de maior valor. O objetivo aqui foi precisamente trazer este ponto da história para o projeto de equipamento.

## MODERNO

No que respeita ao contemporâneo, está presente em toda a globalidade do móvel, passando pelas corredeiras que proporcionam a extensão lateral do tampo, pelos puxadores das portas do armário, que são rasgos realizados na espessura destas (executados com uma fresa de tupia manual, com diâmetro de 46mm por 6.35mm de espessura da lâmina - exemplificado no desenho de pormenor em Anexo H), estes rasgos serão pintados a preto mate, de modo a que os veios/folhas do contraplacado não fiquem evidenciados, podendo tornar aquela ação esteticamente desagradável. A parte da garrafeira também remete à modernidade, uma vez que não é comum em mesas de refeições, e possui ainda um revestimento a tinta lacada preto mate.

## RÚSTICO

O rústico é evidente sobretudo nos materiais que elegi para a realização da peça de mobiliário, isto é, ambos os tampos da mesa vão ser produzidos em madeira maciça, de carvalho, com 40mm de espessura - por ser um material natural e sustentável para o meio ambiente - todas as restantes peças do armário serão executadas em chapa de contraplacado de madeira, de carvalho, em diferentes espessuras: as portas e as prateleiras interiores (parte estrutural) do armário terão uma espessura de 18mm; já no que concerne ao rodapé, obterá uma espessura de 12mm. Toda esta madeira presente não será escondida por lacados ou acabamentos sintéticos, de forma a evidenciar esta vertente rústica que todo o Alpendre engloba.



Figura 39 - simulação 3D da peça de mobiliário

## 4.5. Iluminação

No que respeita a questões de iluminação, foi ponto crucial, uma vez que existe grande entrada de luz do exterior para o interior do Alpendre. Tendo em conta que a inexistência de cabos elétricos ou redes elétricas no interior do espaço, foi necessário proceder ao planeamento da localização destas redes e de como se iriam distribuir. Assim, de modo a não danificar a estrutura do imóvel, estas passagens foram efetuadas pelo pavimento e pelas paredes falsas criadas.

Sabemos que uma boa escolha da iluminação pode transformar completamente o espaço, gerando ambientes diferentes e dinamismos, conjugando efeitos visuais proporcionando perceções de conforto e harmonia. Contudo, é necessário controlar estas intensidades, bem como na escolha das luminárias e quantidade de 'lumens', de modo que o FLDM (Fator de Luz do Dia Médio) fique entre valores de 1.5% e 2.5% (conforme os fatores ideias para Portugal).

Posto isto, a iluminação pode ter vertentes decorativas, técnicas ou pontuais, indo ao encontro dos objetivos idealizados, pensando sempre no bem-estar dos futuros utilizadores do espaço, fazendo, assim, uma boa iluminação de cada assoalhada - sem que haja exageros ou falta de intensidade.

## INTERIOR

No que concerne à assoalhada da sala, optei por colocar uma luminária suspensa - executada com materiais naturais como o 'rattan' - localizado por cima da 'coffe table', e iluminação embutida no teto falso, sendo eles do estilo de pequenos focos, com uma temperatura de cor mais quente (3000k a 3500k). No que respeita à iluminação da cozinha é semelhante à da sala, com a particularidade de enquadrar 3 luminárias suspensas por cima da mesa de refeições e outras 3 na zona das escadas e possui ainda fitas LED nas prateleiras dos móveis existentes - de forma que seja possível observar os elementos dispostos nos mesmos, surgindo principalmente por motivos estéticos. Aqui, a temperatura de cor que vai ser empregue, terá um cariz mais frio, possuindo intensidade de 4000k a 4500k.

No que diz respeito às assoalhadas superiores, a temperatura de cor será de tons mais quentes (3200k a 3800k). O quarto engloba 2 luminárias suspensas - em cima de cada mesa de cabeceira - e ainda uma fita led no ripado que forma a cabeceira da cama, inclui ainda algumas luminárias de chão do estilo de 'spots' - localizados nos cantos do espaço, de forma a fornecer uma maior profundidade.

Relativamente à casa de banho, contém apenas 3 luminárias baixas de parede, duas destinam-se à parte do chuveiro e outra situa-se na zona de vaso sanitário - como é um espaço que não necessita de grande intensidade de luz, escolhi implementar estas opções por permitirem a criação de um ambiente diferente de todo o resto da casa, realçando o facto de ser um local de completo relaxamento.

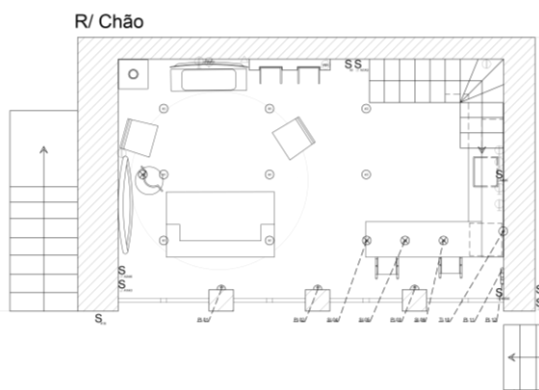


Figura 41 - Planta de iluminação r/chão

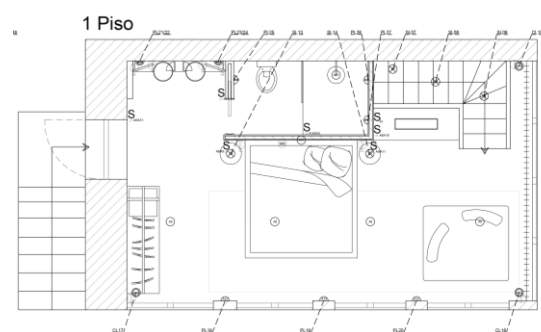


Figura 40 - Planta de iluminação piso 1

## EXTERIOR

A iluminação do exterior foi dividida em duas partes, sendo ambas direcionadas para tecnologia LED. Assim, temos as luminárias de chão em forma de 'spot' e as luminárias, também de chão, com características móveis.

Na zona de deck, está presente um candeeiro de chão - executado em alumínio - com o intuito de produzir a luz necessária para abranger toda a mesa de refeições, possuindo uma temperatura de cor mais clara. Existe ainda uma mesa de apoio que inclui fitas Led na parte inferior do seu tampo, esta surge apenas como luz de presença/decorativa. A toda a volta do deck, estão dispostas as luminárias de 'spot', de modo a realçar toda a área do mesmo.

O sítio de duche exterior, tem presente uma luminária suspensa - que recai sobre as canas-da-índia, que delimitam a área destinada ao duche - proporcionando uma luz secundária à que será imitada pelo chuveiro (embutida no interior do chuveiro). No local do baloiço de bambu, são notórias duas luminárias inseridas nos pilares que sustentam este elemento de repouso, para que no período noturno seja possível experienciar momentos agradáveis. Em torno do passadiço de pedra granito, que efetiva o caminho do pátio até ao duche existe um fita Led de cada lado, para que os seus limites sejam visíveis e tornem aquele espaço ainda mais harmonioso. De forma a completar este ambiente, são visíveis luminárias de chão (executadas em materiais naturais, como 'rattan') para que não haja cantos escondidos ou pouco iluminados.

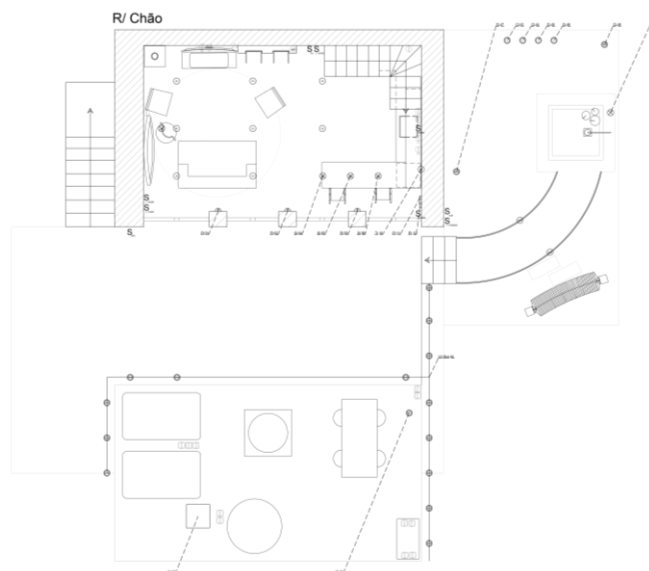


Figura 42 - Planta de iluminação zona exterior

Para conseguir um melhor entendimento da quantidade de lumens e lâmpadas necessários para uma iluminação exata e precisa dos espaços, procedi ao cálculo do fluxo luminoso total (número de pontos de luz necessários) para cada assoalhada da habitação, cujo resultado está remetido em Anexo C.

## 4.6. Materiais e Acabamentos

De um modo geral, os materiais que introduzi no projeto foram à base da naturalidade, sendo disso exemplo a madeira de carvalho e a pedra granítica, ambos elementos abundantes e típicos da região.

Os materiais constituem pontos fulcrais no que designa à caracterização, tal como as definições de determinada atmosfera, sendo que estes são eleitos pelas suas propriedades físicas, mecânicas e ainda funcionais, em conjugação com os propósitos a que se destinam, incluindo a sustentabilidade. A seleção destes é realizada, ainda, considerando o conceito definido, assim como as exigências às quais se pretende responder e ao público-alvo a que se destina.

A noção de sustentabilidade num projeto de interiores reúne alguns valores, que, por vezes, não são bem interpretados, isto é, engloba conceitos como a valorização patrimonial, os consumos energéticos e poluidores, a proteção ambiental, nos quais a reutilização de materiais naturais já existentes (em casos de reabilitação), como a pedra, a madeira, a areia ou a cal.

Por motivos do estado de degradação da edificação, é proposto a substituição dos materiais, acabamentos e infraestruturas existentes, por novos e de características similares, para que a identidade do local não se perca com a reabilitação do mesmo. Desta maneira, todos os vãos serão mudados, contudo recriando as mesmas formas e noções pré-existentes.

Assim, existe um documento adjacente, designado de folder de materiais e equipamentos, que possibilita ao cliente (ou a quem queira obter um maior conhecimento) saber de todos os materiais, acabamentos e equipamentos empregues na reabilitação em questão. Este documento está à disposição em Anexo G.

## MADEIRA

A madeira é um dos materiais mais presentes no interior do Alpendre (como foi dito anteriormente), o que proporciona um ambiente saudável e confortável, gerando uma atmosfera bastante acolhedora, conjugando todos os equipamentos inseridos no interior.

Posto isto, grande parte dos equipamentos executados a madeira, enquadram acabamentos em verniz incolor mate - é exemplo o forro da cobertura -, apenas uma pequena parcela retém acabamento de verniz incolor com brilho, de forma a conseguir uma maior dinâmica e perspectiva dos ambientes. Sendo estes apropriados a espaços com elevado fluxo de movimentações - como, por exemplo, o pavimento flutuante vinílico de carvalho -, tendo capacidades altamente laváveis, facilitando a sua higienização.

## PEDRA

A textura irregular da pedra, característica do meio rural, fornece uma atmosfera rústica e tradicional. De maneira que estas peculiaridades não sejam retiradas, procedeu-se apenas à limpeza e implementação de alguns produtos - como produto de impregnação hidrofugante - não alterando em nada as fachadas e paredes interiores em pedra já existentes no Alpendre.

Além da sua robustez, a pedra de granito é um elemento natural com alto grau de dureza, o que transmite a ideia de uma construção que advém de vários séculos de existência e que ainda pode ter uma vida útil de outros tantos pela frente.

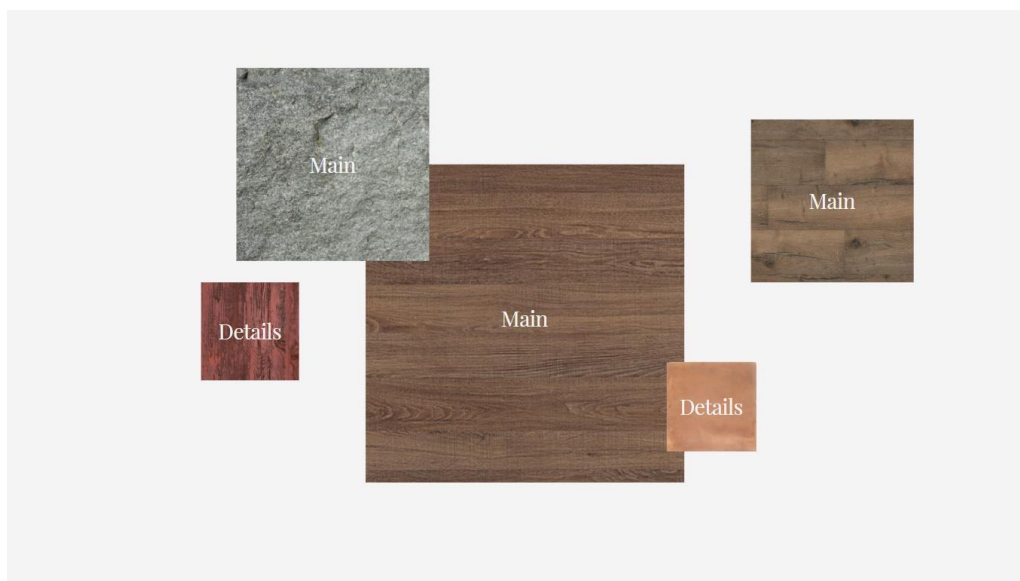


Figura 43 - Paleta de texturas

## 4.7. Funcionamento do Espaço

O espaço funciona como quatro pontos individuais:

- o pátio exterior, que nasce da ampliação da cozinha interior e surge, ainda, como zona de descanso exterior;

- o ponto de duche exterior, culmina numa organização da vegetação que se pretende manter e num local de relaxamento diferenciado;

- o rés do chão, aglomera as assoalhadas da cozinha e da sala para que exista uma concordância com o interior e exterior;

- o primeiro andar, abrange as divisões do quarto e da casa de banho (podendo ser considerado suite), separando a parte comum - primeiro piso - da zona individual.

## 4.8. Proposta Final

Atendendo a tudo o que foi anteriormente referido relativamente ao presente projeto, são apresentadas as plantas ilustradas da proposta final.

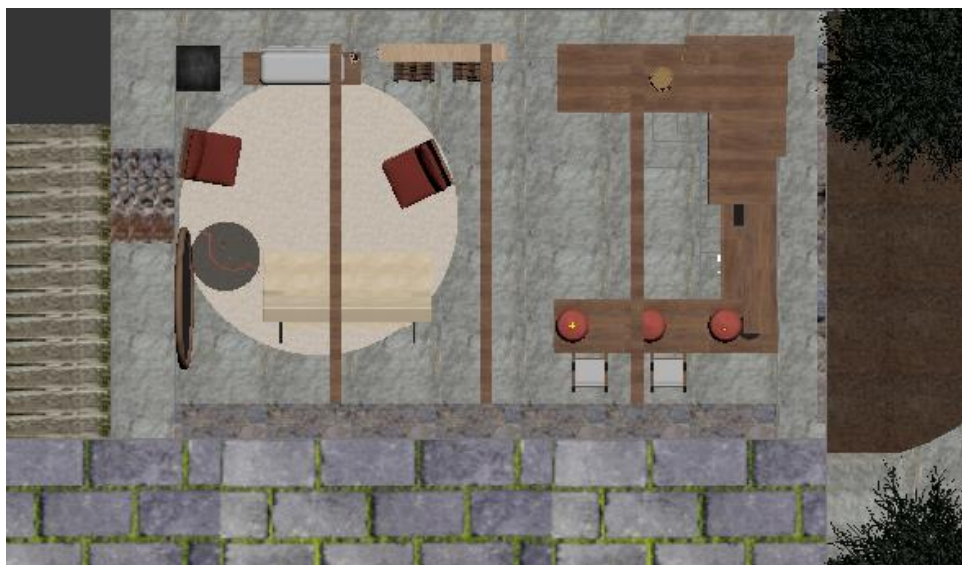


Figura 44 - Planta ilustrada do rés do chão



Figura 45 - Planta ilustrada do primeiro piso

Como foi já mencionado, defini áreas no interior do espaço, nas quais enquadrei as assoalhadas referentes à sala, cozinha, quarto e casa de banho.

Desta forma, o rés do chão encontra-se programado para funcionar como sala de estar e cozinha, possuindo acessos para o pátio e zona de duche exterior. Possui uma área útil de 25.10 m<sup>2</sup>.

Relativamente ao primeiro andar, funciona como quarto amplo e casa de banho, sendo que os lavatórios se localizam fora da zona de vaso sanitário e chuveiro, delimitados pelas paredes falsas. Porém, de maneira que os lavatórios não ficassem seccionados (à parte), elaborei uma parede falsa semelhante à que inclui na entrada para a zona de wc, esta permite ainda a existência de um respiro para a salamandra que se encontra no piso inferior, de modo a aquecer também este andar. Englobando uma área útil de 21.74 m<sup>2</sup>, sendo que 18.27 m<sup>2</sup> correspondem à área de quarto e 3.47 m<sup>2</sup> à área de casa de banho.

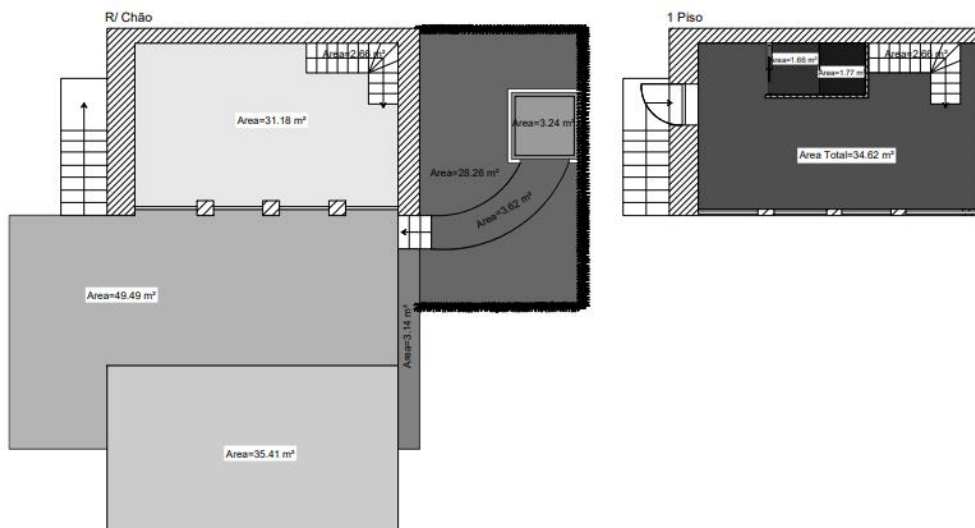


Figura 46 - Planta de áreas e zonamentos

## **ÁGUAS**

No que respeita a este ponto, apliquei no trabalho, uma rede predial simplificada de águas quente e fria, sendo que o projeto é de pequena amplitude. Ajustei o mesmo à legislação que vigora - Capítulo IV: Artigos: 93.º; 94.º; 95.º; 96.º; 97.º (consultar Anexo A).

Assim, a água fria advém da rede pública existente, passando para o interior da casa onde vai encontrar uma caldeira de chão, de modo a proceder ao seu aquecimento: assim fornece água quente para as restantes assoalhadas da habitação.

As decisões tomadas e soluções propostas para a execução destas plantas, foram pensadas tendo como base a localização dos equipamentos dispostos em toda a habitação, bem como a eficácia e funcionalidade que o sistema proporciona ao alojamento. É necessário ter ainda em consideração as tubagens (relativas às redes de águas e esgotos) que não podem ser extensas, uma vez que têm de enquadrar uma inclinação de 15%, e o local pela qual estas vão ser passadas têm pouco espaço para o efeito.

## **ESGOTOS**

Todas as tubagens dos equipamentos presentes na planta, respeitam as normas que estão expostas no decreto - Decreto Regulamentar n.º 23/95, agosto, Artigos 198.º ao 207.º e 212.º ao 224.º (consultar Anexo A) - como, por exemplo, o diâmetro que cada tubo deve possuir.

Para facilitar a passagem destas tubagens entre pisos, procedi à elaboração de uma parede falsa - localizada por baixo do wc - para que não existam problemas futuros de humidade ou tubagens que se movimentaram do sítio ou até mesmo para que, no local de dormida, não se ouçam barulhos de água a passar nos tubos.

Sabendo apenas que existe uma conduta de esgotos num local das traseiras da construção, basei-me por esse mesmo aspeto para a realização destes sistemas de drenagem de predial de águas residuais.

Os sifões estão 'escondidos' pensando na estética das divisões, uma vez que estes são elementos que não são esteticamente agradáveis, sendo, contudo, possível realizar a sua manutenção.

## AQUECIMENTO

Para que a escolha do equipamento seja a mais indicada, é necessário proceder a determinados passos. O cálculo do espaço a aquecer é de extrema importância, para uma margem de erro e desperdício menores.

No meu caso específico, o Alpendre é uma edificação com mais de 300 anos e nunca foi adaptada a habitação ou alojamento. Quero com isto dizer que construções como esta têm um índice de geração de calor muito inferior à dos edifícios contemporâneos. Assim, o controlo e a capacidade que cada tipo de ar condicionado concentra em si é bastante importante, sendo que capacidades demasiado elevadas criarão correntes de ar, o que fará oscilar a temperatura e gastará mais energia; capacidades demasiado baixas, nunca conseguirão atingir a temperatura desejada.

Desta forma, para o meu espaço, optei por um ar condicionado de 7000 Btu/h, visto que a amplitude das assoalhadas é reduzida. Coloquei um dispositivo de ar condicionado no piso inferior e outro no primeiro andar, funcionando também para o arrefecimento do espaço.

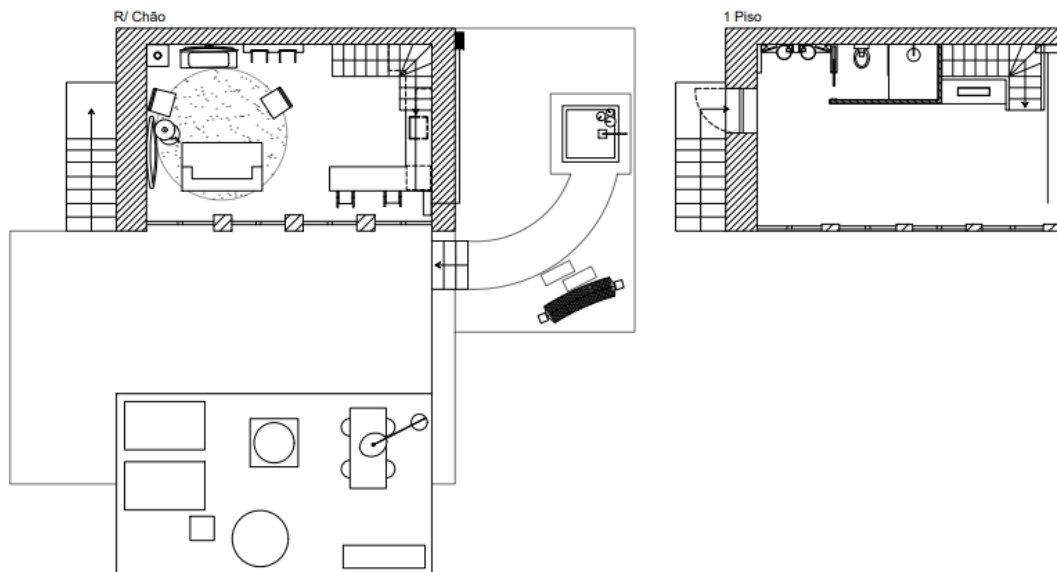


Figura 47 - Planta de conforto térmico

## SIMULAÇÕES 3D

Seguidamente, são apresentadas algumas simulações 3D do espaço realizado, de forma que haja um melhor entendimento visual do pretendido e proposto. (para mais visualizações 3D consultar Anexo F).



Figura 49 - Simulação 3D da zona de lavatórios



Figura 48 - Simulação 3D da zona de cozinha



Figura 51 - Simulação 3D da zona de sala de estar



Figura 50 - Simulação 3D da zona de sala de estar e escadas



Figura 53 - Simulação 3D da zona de quarto



Figura 52 - Simulação 3D da zona de quarto

## **4.9. Estimativa Orçamental**

Assentando na sustentabilidade e nos materiais naturais para a elaboração desta proposta de Projeto Final de Licenciatura, é essencial a execução de um orçamento, de forma que todas as soluções e elementos enquadrados no projeto possam ser encontrados e consultados facilmente.

Posto isto, a estimativa final orçamental apresenta um valor máximo de 88261,44€. Estes consumos e valores, podem ser verificados nas tabelas de Excel expostas em Anexo D.

## 5. Conclusão

Na elaboração do Projeto Final, surgiram algumas dificuldades, em que as de maior amplitude referem-se:

- à disposição espacial - num estágio preliminar, os estudos para a melhor solução de distribuição do espaço, tornou-se um impasse de alguma dimensão, visto que não estava a conseguir transmitir para o 'papal' o que tinha idealizado para esta fase da proposta e, deste modo, ocupou mais tempo do que a previsão que realizei para a execução do mesmo.

- aos desenhos técnicos - nesta etapa, o que dificultou um pouco a minha organização foi o facto de não existir quaisquer tipo de documentação ou esboços deste tipo de edificações, o que levou a que procedesse a levantamentos de medidas excepcionais, não podendo deixar 'em branco' nenhuma superfície. Uma vez que as estruturas de madeira não se encontram nas melhores condições, a pesquisa por instalações semelhantes foi fundamental para que assim conseguisse obter um melhor entendimento do que teria de efetuar em pormenorização de desenho técnico.

- à junção dos conceitos - para este ponto do projeto, defini alguns conceitos base de modo que estes fossem determinantes em toda a proporção da minha proposta. São eles o tradicional, o contemporâneo e o rústico, assim, a idealização primária que forneci a estes fatores não estava a resultar enquanto 'moodboard' e implementação (das formas e dos materiais/acabamentos que recolhidos para o projeto) sendo que tinha um pouco de receita da junção resultante, acabando por ficar um pouco 'presa' neste fator.

- à peça de mobiliário - esta variante do projeto, a meu ver, é de extrema importância, tendo em conta que toda a peça vai ser reflexo de todo o trabalho projetado - isto é para a conceção do mobiliário eleito para este tópico, é imprescindível a junção de todos os conceitos impostos, bem como por todos os desígnios e características que forma implementados na presente proposta.

Todavia, a concretização deste projeto permitiu-me novas aprendizagens, a variadas categorias, nomeadamente: o contacto direto com o cliente - como deve ser feito, o que deve ser mostrado e referido, entre outros aspetos inseridos dentro da mesma panóplia; um maior conhecimento sobre a aldeia de Fareja, bem como da importância dos monumentos e construções que nela estão estabelecidos; maior consciência de postos de turismo e alojamento presentes na freguesia e região circundante; uma boa perceção relativa à quantidade de 'Alpendres' existentes, não só em Fareja, tal como em localidades próximas, entre outros aspetos.

No que respeita às aprendizagens recolhidas através do curso face ao trabalho, estas foram imensas e fizeram com que o meu crescimento a níveis profissional e pessoal evoluísse. Assim, novos tópicos como as redes de águas e esgotos; os sistemas de aquecimento; soluções face a problemas de humidade, iluminação, ventilação, organização espacial, construções e encaixes de equipamentos; conhecimento de novas marcas de elementos direcionados aos interiores; desenvolvimento de novos desenhos técnicos com explicações e com um traço 'clean'; entre muitas outras referências, foram cruciais para o meu empreendedorismo, enquanto estudante de Design de Interiores e Equipamento e enquanto futura Designer.

A calendarização inicial foi um fator favorável, visto que serviu de guia para que não me perdesse nos tempos da elaboração de fases, conseguindo trabalhar de acordo com a mesma, alterando alguns pontos, mas as tarefas e datações foram coincidindo corretamente.

Penso que me sinto preparada para começar a laborar no mundo de trabalho, com tudo o que estes três anos incríveis me proporcionaram.

Espero obter um grande impacto positivo na minha freguesia, bem como na região, a vários níveis, uma vez que estou a implementar algo novo e dinâmico, trazendo privilégios à freguesia de Fareja tal como ao concelho de Fafe.

Apesar de haver alguns entraves e momentos em que os processos da realização do trabalho correram um pouco mal, foi com a colaboração dos meus amigos e professores que consegui tornar o meu projeto viável e com todos os tópicos que apontam para o sucesso do mesmo.

Em suma, realizei o aproveitamento de um anexo rural numa quinta para turismo!

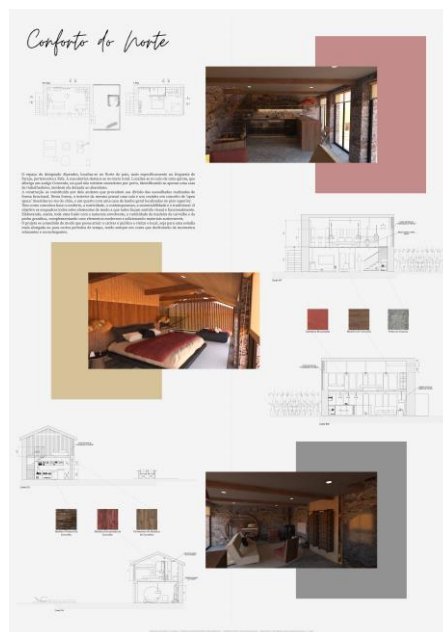


Figura 54 - Painel de Apresentação

## 6. Bibliografia

LEITE Artur & LOPES José, VAMOS CONHECER S. MARTINHO DE FAREJA, Paróquia de S. Martinho de Fareja, 2018

NEUFERT, Ernst. Arte de Projetar em Arquitetura. 18º Edição. Editorial Gustavo Gili. SL, Barcelona, Espanha, 2013. ISBN: 978-85-65985-08-6

MUNARI, Bruno. Das Coisas Nascem Coisas. Edição 70, 01-2008. ISBN: 9789724413631

GIBBS, Jenny. DESIGN DE INTERIORES. Guia útil para estudantes e profissionais. 1º Edição. Editorial Gustavo Gili, Barcelona, Espanha, 2016. ISBN: 978-84-252-2358-7

PANERO, Julius. ZELNICK, Martin. Dimensionamento Humano Para Espaços Interiores. 1º Edição. Editorial Gili SL, Barcelona. 2002. ISBN: 978-84-252-1835-4

## 7. Webgrafia

INSM, SA – Decreto-Lei nº 39/2008 no Diário da República Eletrónico [em linha]. [consult. 2021-03-10]. Disponível em <https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/70186981/201706021855/70188772/diplomaPaging/diploma/2>

Legislação na CENTER [em linha]. Ponte de Lima: CENTER. [consult. 2021-03-10]. Disponível em <https://www.center.pt/PT/legislacao.php>

Características do turismo no espaço rural na DGADR [em linha]. Lisboa: DGADR. [consult. 2021-03-10]. Disponível em <https://www.dgadr.gov.pt/diversificacao/turismo-rural/caracteristicas-do-turismo-no-espaco-rural>

Legislação no Turismo de Portugal [em linha]. [consult. 2021-03-10]. Disponível em [http://business.turismodeportugal.pt/pt/Planear\\_Iniciar/Como\\_comecar/Empreendimento\\_Turisticos/Paginas/legislacao-empresendimentos-turisticos.aspx](http://business.turismodeportugal.pt/pt/Planear_Iniciar/Como_comecar/Empreendimento_Turisticos/Paginas/legislacao-empresendimentos-turisticos.aspx)

Nina A. & Paulo C. -A Regulação do turismo rural. Bragança. [consult. 2021-03-10]. Disponível em <https://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/11249/1/A%20Regula%C3%A7%C3%A3o%20do%20turismo%20rural.pdf>

Porto Editora – Fafe na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2021-05-22]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$fafe](https://www.infopedia.pt/$fafe)

COVEMA - Revestimento e Construção na Covema [em linha]. Oliveira de Azeméis: PMC-DIGITAL. [consult. 2021-05-05]. Disponível em <http://covema.pt/pt/produtos/revestimento-e-construcao/revestimento-forro-madeira/>

Correias - Tipos de madeiras na Correias [em linha]. Vila Nova de Famalicão: Correias. [consult. 2021-05-05]. Disponível em <https://www.carpintariacorreias.com/tipos-de-madeira-conheca-as-suas-diferencas/>

MADEIRAS – Tipos de Madeira na Pinto Cardoso & Pimenta [em linha]. Vila Verde. [consult. 2021-05-05]. Disponível em <http://industriademadeiras.com/tipos.php>

## CASOS DE ESTUDO

Visit Porto - Casa dos Guindais no Visit Porto [em linha]. Porto: Visit Porto. [consult. 2021-04-04]. Disponível em [https://visitporto.travel/pt-PT/poi/5cd04b56f979e000012c5e22#](https://visitporto.travel/pt-PT/poi/5cd04b56f979e000012c5e22#/)/

Casa dos Guindais no Portocool [em linha]. Porto: Portocool. [consult. 2021-04-4]. Disponível em <https://oportocool.blog/2012/01/29/casa-dos-guindais/>

Escritório de Arquitetos - Paredes de Coura no Archdaily [em linha]. Chile: Archdaily. [consult. 2021-04-4]. Disponível em <https://www.archdaily.com.br/br/787530/paredes-de-coura-escritorio-de-arquitetos>

HBG Arquitectos - Rural House in Portugal no Archdaily [em linha]. Chile: Archdaily. [consult. 2021-04-4]. Disponível em [https://www.archdaily.com/945039/rural-house-in-portugal-hbg-arquitectos?ad\\_source=myarchdaily&ad\\_medium=bookmark-show&ad\\_content=current-user](https://www.archdaily.com/945039/rural-house-in-portugal-hbg-arquitectos?ad_source=myarchdaily&ad_medium=bookmark-show&ad_content=current-user)

DIVISARE - José Gigante na DIVISARE [em linha]. Roma: DIVISARE. [consult. 2021-04-04]. Disponível em <https://divisare.com/projects/244118-jose-gigante-luis-ferreira-alves-granary-reconstruction>

## **8. Anexos**